



# PUC RIO

ANA MARIA RUDGE MALAN

O CONCEITO DE REGRESSÃO  
NA TEORIA FREUDIANA

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, fevereiro de 1975.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Departamento de Psicologia

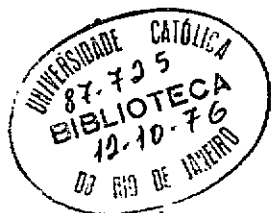
O CONCEITO DE REGRESSÃO  
NA TEORIA FREUDIANA

ANA MARIA RUDGE MALAN

Tese submetida como requisito  
parcial para a obtenção do  
grau de Mestre em Psicologia  
Rio de Janeiro, fevereiro, 1975.

A Pedro.

BC



30894

BC

150  
M 237  
TESE UC  
UC-19218-6

10

A todos que colaboraram na execução deste trabalho, a Raul Tellés Rudge, Martha Zelina Constancio, a CAPES e ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, meu agradecimento.

Ao Prof. Carlos Paes de Barros, pela importância de seus lúcidos comentários na elaboração das idéias aqui apresentadas, meu reconhecimento.

## SUMÁRIO

Este trabalho visa delimitar o conceito de regressão, através do exame crítico dos diferentes significados que lhe são atribuídos nos textos freudianos, e das articulações que mantêm com outros conceitos teóricos da Psicanálise. Os quatro primeiros capítulos são dedicados a conceituação dos diversos tipos de regressão, e o último capítulo baseado na sistematização anteriormente empreendida focaliza o papel da regressão como instrumento de defesa.

## SUMMARY

This work intends to clarify the concept of regression through a critical examination of the different meanings attached to this concept in Freud's writings, as well as of its relationships with other theoretical concepts in Psychoanalysis. The first four chapters are dedicated to the conceptualization of the several types of regression. The last chapter focus on the role of regression as an instrument of defense.

## Í N D I C E

INTRODUÇÃO	1
I - O MODELO EVOLUCIONISTA NA TEORIA PSICANALÍTICA	3
II - AS TRÊS FORMAS DE REGRESSÃO: TOPOGRÁFICA, FORMAL E TEMPORAL	14
III - A REGRESSÃO DO EGO	30
IV - A REGRESSÃO DA LIBIDO	49
V - A REGRESSÃO COMO INSTRUMENTO DE DEFESA	62
CONCLUSÕES	76
BIBLIOGRAFIA	83



## INTRODUÇÃO

Dada a importância que os processos regressivos assumem na explicação psicanalítica dos sintomas psicopatológicos, bem como de fenômenos normais como sonhos e atos falhos, procuramos neste trabalho delimitar o conceito de regressão, através do exame crítico dos diferentes significados que lhe são atribuídos nos textos freudianos, e do estudo das articulações que esse conceito mantém com outros conceitos teóricos da Psicanálise.

Encontramos nas formulações psicanalíticas uma utilização recorrente do conceito de regressão, mas não sua exposição sistemática. Assim, embora atendo-nos ao exame do pensamento freudiano, tivemos que tentar inferências e interpretações em face das lacunas e imprecisões com que nos deparamos.

O Capítulo I é dedicado ao esclarecimento do modelo evolucionista de que Freud lança mão nas sucessivas tentativas de construção da teoria do aparelho psíquico, e que constitui o fundamento indispensável para uma delimitação adequada do conceito de regressão no sistema teórico da Psicanálise. Para tal apresentamos uma revisão sucinta das hipóteses evolucionistas de Spencer e Jackson que indubitavelmente inspiraram as proposições freudianas sobre a evolução e a regressão do aparelho psíquico.

Destacando o papel desempenhado pelo modelo evolucionista nos vários momentos da construção teórica de Freud, examinamos as três teorias do aparelho psíquico, cuja distinção se baseia nas reformulações dos critérios utilizados para definir a topografia do aparelho psíquico.

A partir desse quadro referencial passamos, no Capítulo II, ao exame da regressão nos três aspectos apon

tados por Freud: formal, temporal e topográfico. Esclarecendo as ambiguidades da regressão topográfica, procuramos verificar em que medida ela efetivamente se constitui em um aspecto do movimento involutivo do aparelho psíquico. A seguir, apresentamos os conceitos de regressão formal e temporal, procurando destacar suas inter-relações.

O Capítulo III trata da regressão do aparelho psíquico (regressão do ego). Distinguimos três linhas genéticas relativamente independentes: a) a passagem do processo primário ao secundário; b) do princípio do prazer ao da realidade, a partir da emergência do exame da realidade, e c) a evolução da síntese psíquica.

O Capítulo IV é dedicado à regressão da libido (instinto sexual). Relacionando o conceito de instinto com o modelo evolucionista, esclarecemos seu significado como coordenando o psiquismo com o soma e o meio ambiente. A evolução da libido é abordada, a seguir, em seus dois aspectos: a) quanto a organização libidinal e b) quanto as relações objetais.

O Capítulo V constitui uma primeira tentativa de aplicação do trabalho de sistematização empreendido nos capítulos anteriores à explicação dos fenômenos psicopatológicos. Distinguimos: o processo de defesa "normal" e o processo de defesa que está na origem das afecções psicopatológicas, mostrando que apenas no segundo ocorre regressão, e procuramos definir os principais "mecanismos de defesa" a partir dos tipos e níveis de regressão exigidos em cada caso.

## I - O MODELO EVOLUCIONISTA NA TEORIA PSICANALÍTICA

Para organizar e explicar os fenômenos psicológicos que tão bem observava e descrevia, Freud se lança numa empresa teórica que envolve a construção de hipóteses referentes ao "aparelho psíquico". Esse aparelho hipotético, construído a partir da observação dos fenômenos psicológicos, é concebido como o lugar ou cena da vida psíquica. Os processos psíquicos são explicados como concomitantes dependentes dos processos energéticos que nele ocorrem (36). A metapsicologia Freudiana compreende o corpo de hipóteses sobre a estrutura e funcionamento do aparelho psíquico.

O aparelho psíquico é abordado a partir de três pontos de vista: o topográfico, o econômico e o dinâmico. O ponto de vista topográfico estuda a organização do aparelho psíquico em suas partes componentes e suas relações estruturais. O ponto de vista econômico refere-se aos processos energéticos que no aparelho psíquico têm lugar, e às leis que os regulam. O ponto de vista dinâmico estuda as forças resultantes destes processos energéticos e de sua direcionalização pela topografia do aparelho psíquico. É a integração destas forças que constitui a causa dos processos psíquicos (19, 20, 23, 32).

Na construção do aparelho psíquico Freud usou consistentemente um modelo evolucionista, apresentando-o desde seus primeiros trabalhos (41,44) numa perspectiva genética. Para isso recorreu às hipóteses evolucionistas de Spencer, já aplicadas por Jackson ao estudo científico do sistema nervoso.

Jackson (45) arranja os centros nervosos não de acordo com divisões morfológicas, mas numa referência às funções que servem. Quanto mais alto for o centro, mais indiretamente representará o corpo.

Para Jackson todas as camadas nervosas têm uma constituição sensório-motora, as superiores se distinguem das inferiores em termos apenas de complexidade. A evolução consiste na passagem de centros mais simples, automáticos e organizados a centros mais complexos, voluntários e ainda em organização - o que permite sempre novas aquisições. Entretanto a evolução não se dá por substituição do centro antigo pelo mais recente, mas por um acrescentar gradual das novas organizações. Estas vão encobrendo e inibindo o funcionamento das mais antigas, de forma que todas as etapas evolutivas anteriores ficam representadas no SN.

As organizações superiores, concebidas como a base física da vida psíquica, representam indiretamente movimentos e impressões de todo o corpo.

Para a melhor apreensão da utilização do modelo evolucionista na teoria freudiana, faremos uma revisão das três teorias do aparelho psíquico elaboradas sucessivamente por Freud, acentuando suas relações com este modelo.

As três teorias do aparelho psíquico a que nos referimos são as apresentadas em 1895 (41), em 1900 e 1915 (9,19), e em 1923 (25), que estudam esse aparelho como composto dos sistemas neurônicos Psi-Pallium e Psi-Pallium inibido pelo Ego, Inc e Prec, e Id e Ego respectivamente.

## 1. A PRIMEIRA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

O desenvolvimento do aparelho psíquico é apresentado em 1895 (41) desde o arco reflexo elementar até o "ego". Veremos as várias etapas desta evolução incluindo organizações neurofisiológicas anteriores ao aparecimento do aparelho psíquico.

Os pontos de vista topográfico, econômico e dinâmico referem-se exclusivamente à estrutura e funcionamento do aparelho psíquico já plenamente constituído e ao seu emprego na explicação da vida psíquica. Entretanto, faremos uso destes pontos de vista na descrição das organizações correspondentes a todas as etapas evolutivas, porque acreditamos que isso auxiliará na compreensão das relações entre essas etapas e o aparelho psíquico desenvolvido. Para deixar claro que os termos topografia economia e dinâmica estão sendo usados mediante uma extensão do sentido que possuem na teoria freudiana, falaremos de proto-topografia, proto-economia e proto-dinâmica.

Para montar os sistemas neurônicos, Freud parte da concepção do neurônio elementar, dotado de um polo receptor, uma direção de condução e um polo emissor, e superpõe a esta "proto-topografia" um princípio "proto-econômico", o Princípio de Inércia que corresponde a um modelo de estado estacionário muito simples. Disso resulta o "arco reflexo" elementar que corresponde a uma "proto-dinâmica".

Agrega então a esta montagem os princípios evolucionistas de Darwin, Spencer e Jackson, justificando a complexificação desta proto-topografia básica por aprendizagem filio e ontogenética. A crescente complexificação da topografia, formando novos sistemas neurônicos, impõe também modificações aos processos proto-econômicos que ali têm lugar, e as atividades de cada sistema resultam de forças que são originais e adaptativas.

Vamos então acompanhar esta evolução através da qual Freud chega a hipotetizar o aparelho psíquico maduro.

Sistema Phi - A proto-topografia desse sistema é composta por vários neurônios destituídos de barreiras

restritivas à passagem de energia. É dotado de um polo receptor de energia exógena e um polo motor. Sua proto-economia é regulada pelo Princípio de Inércia que tenta manter o nível de tensão igual a zero. Sua proto-dinâmica é a "tendência" a descarregar qualquer energia que receba.

Entre os métodos de descarga possíveis são fixados por aprendizagem filogenética aqueles que fazem cessar a estimulação, ou seja - a Fuga Reflexa. Esta é a Função Neurônica Primária.

Com a evolução o sistema se torna mais complexo, passando a receber estimulação endógena, e que não pode ser interrompida pela fuga, como os estímulos exógenos. Para fazer cessar a estimulação endógena é necessária uma "ação específica" no mundo externo, o que requer a disponibilidade de energia armazenada. Em virtude desta necessidade evolutiva, um novo sistema se diferencia de Phi.

Sistema Psi-Nuclear - Proto-topograficamente, é dotado de um polo receptor, voltado para vias de estimulação endógena, barreiras de contato que impõem restrições relativas (até certo nível) ao escoamento de energia e um polo motor. As barreiras permitem armazenar energia, impondo então uma transformação no princípio regulador da proto-economia, que procurará manter constante o nível tensão: o Princípio de Constância. Quando o nível de constância for ultrapassado surgirá uma força - o "impulso" para o reflexo adequado. Esta é a Função Neurônica Secundária.

Para maior capacidade de sobrevivência do organismo, seria preciso melhores recursos para a utilização das experiências do passado ontogenético no sentido de favorecer a adaptação. Do sistema Psi-nuclear vai se diferenciar um novo sistema dotado de capacidade de memória e aprendizagem e de sua utilização no processo de ajustamento.

Sistema Psi-Pallium - Topograficamente seu polo receptor é voltado para os sistemas inferiores (Phi e Psi-Nuclear), recebendo através deles estimulação exógena e endógena; através de facilitações topográficas determinadas nas suas barreiras de contato guarda imagens mnêmicas de objetos externos, acontecimentos internos e estabelece associações entre essas memórias. Nas primeiras experiências de satisfação surge uma facilitação entre a memória do objeto de satisfação e a memória do estado de tensão em Psi-Nuclear. Na experiência de dor ocorre uma facilitação entre a memória do objeto "hostil" e os neurônios secretores que, quando ativados, produzem um aumento de tensão em Psi-Pallium.

Qualquer aumento de tensão no aparelho psíquico e em Psi-Nuclear, além da constância, é sentido como desprazer pelos neurônios perceptivos (W). Tanto o aumento provocado por estimulação endógena transmitida ao aparelho psíquico por Psi-Nuclear, quanto o provocado pela descarga dos neurônios secretores são chamados desprazer. A tendência na vida psíquica a evitar o desprazer é relacionada ao princípio econômico de constância, tendo Freud identificado o desprazer à tensão e o prazer à redução de tensão.

Do ponto de vista dinâmico resultam duas forças simétricas. Quando o nível de tensão em Psi-Nuclear subir surgirá em Psi-Pallium uma força no sentido de se perceber o objeto de satisfação através da catetização contínua de sua imagem mnêmica até haver a percepção, alucinatória ou real. Esta força é o desejo. Quando o objeto de dor for evocado surge uma força chamada repulsão no sentido de desevocá-lo através da retirada da energia psíquica de sua memória. Os processos de satisfação alucinatória de desejo e defesa primária constituem os Processos Psíquicos Primários.

Um organismo dotado apenas desses três sistemas neurônicos teria limitações na sua capacidade de sobrevi

vência. Os grupos mnêmicos associados a experiências de dor seriam amputados da cadeia associativa pela força da repulsão, prejudicando o acesso a representações das experiências. Por outro lado, com o aumento da estimulação endógena correlativa ao estado de necessidade, haveria uma reativação alucinatória da imagem mnêmica do objeto desejado, ao invés de sua procura no mundo externo, não havendo então a supressão da necessidade, indispensável à sobrevivência.

Se diferencia do Psi-Pallium uma nova organização, o "ego" que dará conta do surgimento de um novo sistema.

Psi-Pallium inibido pelo ego (2) - O ego consiste na extrema facilitação das conexões entre certos neurônios, o que permite a estes possuir uma energia constante, que pode servir à inibição dos processos primários através das catexias laterais. Desta inibição é que resulta o novo sistema. Topograficamente este sistema se assemelha ao Psi-Pallium, exceto que é acrescido das facilitações transitórias efetuadas pelas catexias laterais do ego. Estas catexias podem inibir tanto a catetização copiosa (alucinatória) do desejo quanto o desprendimento de desprazer pelos neurônios secretores, quando os objetos de satisfação e dor respectivamente forem evocados. Esta inibição permite ao sistema o uso dos sinais de realidade dados pelos neurônios perceptivos para a diferenciação de memória e percepção. As forças resultantes são o "desejo inibido pelo ego" e a "defesa normal" ou repulsão inibida pelo ego. Os processos resultantes da inibição do ego são os Processos Psíquicos Secundários.

Temos o aparelho neurônico montado em camadas, os sistemas mais recentes se superpondo aos mais antigos, incorporando-os e inibindo-os.



Todas as fases anteriores de evolução filogenética estão preservadas nas camadas ou sistemas inferiores, que entretanto têm seu funcionamento inibido pelo controle imposto pelos sistemas superiores.

Apenas os dois sistemas neurônicos mais recentes, o Psi-Pallium e o Psi-Pallium inibido pelo ego, compõem o instrumento da vida psíquica, ou seja, correspondem ao que Jackson denominou o "órgão da mente" (45).

## 2. A SEGUNDA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

No famoso cap. VII de "A Interpretação dos Sonhos" (9) Freud apresenta um novo esquema do aparelho psíquico, em que a inovação fundamental é a introdução de outro critério na distinção dos sistemas psíquicos. O sistema Inc. abrigaria conteúdos não passíveis de se tornar conscientes e o Prec. conteúdos que podem se tornar conscientes desde que a atenção para eles se volte.

Entretanto, Freud mantém como critério na distinção dos sistemas também os diferentes níveis evolutivos.

Vale a pena notar que o próprio cap. VII abriga duas concepções da estrutura do aparelho psíquico bastante distintas:

1 - Na seção B Freud se remonta a um esquema do aparelho psíquico apresentado em 1896 na Carta 52(44). No desenvolvimento vão se sucedendo várias transcrições do material mnêmico segundo formas de associação cada vez mais complexas. A mais recente destas transcrições (ou sistemas mnêmicos) é a que vigora, tendo "retirado" o processo excitativo das mais antigas. A isto superpõe outro critério: só os

sistemas de memória mais recentes são acessíveis à consciência. Temos então que no sistema Inc. estariam inscritas as memórias mais antigas, no Prec. as mais recentes.

2 - Nas seções seguintes Freud retoma a descrição da emergência evolutiva dos vários sistemas neurônicos do "Projeto" (41) embora abandonando a nomenclatura de 1895. Os dois sistemas neurônicos Psi são recolocados como os "germens" dos sistemas Inc. e Prec. no aparelho psíquico desenvolvido. As memórias do modelo da seção B aqui são forças:- o "desejo", derivado das facilitações compulsivas resultantes de experiências de satisfação, e a repulsa, rebatida neste texto de "repressão", resultante das experiências de dor.

O que caracteriza os dois sistemas, além do acesso à consciência, não são mais os diferentes tipos de inscrições mnêmicas que neles se localizam, mas os processos psíquicos primário ou secundário.

Como o processo secundário aparece tardiamente, os impulsos desejosos da infância não serão acessíveis à inibição do sistema superior, e o sistema Inc. abrigará então conteúdos antigos e o Prec. conteúdos recentes.

Nas duas concepções a que Freud se reporta no cap. VII, podemos concluir que, além da acessibilidade à consciência dos conteúdos, é mantido o critério evolutivo de definição dos sistemas: o Inc. abriga conteúdos arcaicos e pertencentes a um nível de funcionamento mais simples, e o Prec. conteúdos recentes processados em um nível de funcionamento superior.

Em certos aspectos, entretanto, o princípio evolucionista é usado com menor rigor em 1900 do que na pri-

meira teoria do aparelho psíquico. A censura que se interpõe entre os processos primários e secundários, por exemplo, é tratada como um sistema à parte cuja única função é filtrar a comunicação entre os sistemas Inc. e Prec. Como vimos, no modelo de Jackson, o sistema superior incorpora o funcionamento do inferior, inibindo-o. A censura seria com maior propriedade conceituada não como um sistema ou entidade, mas como um efeito da inibição que o sistema Prec. impõe ao funcionamento do sistema Inc.

Por outro lado, no esquema gráfico do aparelho psíquico, os sistemas são apresentados em seqüência, e não numa montagem vertical, o sistema Prec. se superpondo ao Inc. Entre as desvantagens desta representação acentua-se o resultado de que o sistema Percepção e o sistema Consciência são colocados em polos opostos do aparelho, embora houvesse fortes razões para aproximá-los desde muito sugeridas por Freud, e que em 1915 levam-no a fazer coincidir ambos os sistemas em um só. (21).

Antes de passar à seção seguinte, convém notar que os sistemas Inc. e Prec. sofreram várias reformulações em 1915 (19). Entre estas, acentuamos que a censura passa a fazer parte do sistema Prec. e que os sistemas passarão a ser caracterizados exclusivamente pela possibilidade ou não de acesso à consciência dos seus conteúdos. Freud se depara tanto com a possibilidade de conteúdos pré-conscientes serem processados pelo processo primário, como com conteúdos recentes inconscientes, na repressão secundária, o que o faz desistir de fazer coincidir vários critérios na delimitação dos sistemas.

### 3. A TERCEIRA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

A terceira e última elaboração do aparelho psíquico corresponde ao abandono da acessibilidade dos conte

údos como o critério de definição dos sistemas (25). Pré-consciente e inconsciente deixam de ser sistemas e passam a qualidades, a partir da consideração de que a resistência, atribuída à atividade do sistema superior, é frequentemente inconsciente.

O aparelho psíquico é composto dos sistemas Id e Ego que correspondem ao "lugar" dos processos primário e secundário respectivamente (36). O Id é o sistema filio e ontogeneticamente mais antigo. De sua superfície, pela influência do mundo externo transmitida pelo sistema Percepção, gradativamente se diferencia o sistema Ego, resultante da inibição dos processos primários, e que passa a governar a motilidade voluntária. Sua função é elevar os processos do Id a um nível dinâmico mais alto e submeter à sua influência áreas cada vez maiores do psiquismo.

Temos então dois sistemas superpostos, o Ego como organização superior, com sua atividade regulada pela consideração da realidade, encobrendo a atividade do Id, mais simples e automática.

É importante notar que é a ordem formal das leis que regem o funcionamento dos dois sistemas o que os distingue. A época de inscrição dos conteúdos processados não pode servir a esta função já que o conteúdo recente quando reprimido passa a ser tratado pelo processo primário, e a fazer portanto parte do Id.

#### 4. DISSOLUÇÃO E REGRESSÃO

Jackson adota o conceito de "dissolução", de Spencer, que se refere ao reverso da evolução, para explicar as doenças do SN.

Vimos sua concepção do SN como uma hierarquia de organizações, as superiores, mais recentes e complexas, inibindo e encobrando as inferiores. As últimas, sendo mais antigas e automáticas, podem resistir melhor as perturbações. Nas mesmas condições patológicas as organizações mais recentes serão portanto as primeiras a ser afetadas, e as mais afetadas.

Em qualquer caso de "dissolução" haverá um duplo aspecto da sintomatologia resultante. O aspecto negativo corresponderá à perda das funções correspondentes à organização que sofreu dissolução, e o positivo à atividade da organização inferior à que sofreu dissolução, liberada dos controles que anteriormente lhe eram impostos por ela (45).

A dissolução pode incidir igualmente sobre todo o SN, ou sobre partes dele, há dissoluções uniformes e locais. Embora seja a redução a um nível evolutivo inferior, dificilmente haverá um caso de dissolução que possa ser considerado o oposto exato da evolução.

Desde seu estudo sobre a afasia, Freud explicitamente adota a doutrina de Jackson para estudar as funções do "aparelho da fala" sob condições patológicas. Na dissolução deste aparelho "os arranjos de associações adquiridos mais tarde e pertencentes a um nível de funcionamento mais elevados serão perdidos, enquanto que os anteriores e mais simples serão preservados" (6). A mesma doutrina é retomada nos escritos psicanalíticos sob os conceitos de regressão formal e temporal do aparelho psíquico, fundamentais na explicação tanto da psicopatologia quanto de fenômenos normais, como sonhos e atos falhos.

## II - AS TRÊS FORMAS DE REGRESSÃO: TOPOGRÁFICA, FORMAL E TEMPORAL

O texto mais conhecido sobre o conceito de regressão é o apêndice de 1914 ao Cap. VII de "A Interpretação dos Sonhos", em que Freud afirma que as regressões formal, temporal e topográfica na maioria dos casos coincidem e são na verdade apenas uma, dado que o que é mais antigo no tempo e primitivo na forma situa-se mais perto da extremidade perceptiva (9).

Acompanhando as ocorrências da noção de regressão topográfica nos textos freudianos, tentaremos esclarecer suas ambiguidades. A seguir abordaremos os problemas envolvidos na conceituação da regressão em seus aspectos temporal e formal, destacando as hipóteses implícitas sobre suas inter-relações.

### 1. RETROGRESSÃO OU REGRESSÃO TOPOGRÁFICA

A regressão topográfica, segundo Strachey(49), foi introduzida por Breuer. Sob o termo retrogressão, Breuer teria descrito o movimento de uma excitação, a partir de uma imagem mnêmica de volta para uma percepção de forma quase idêntica a Freud.

Isso nos sugere o modo de abordar o conceito partindo de Breuer e seguindo suas reformulações dentro da teoria Freudiana. Ao mesmo tempo, nos será possível avaliar em que medida é correta a afirmação de Strachey acima mencionada.

#### A - Retrogressão em Breuer

Breuer apontou a necessidade de diferenciar o aparelho perceptivo do órgão que guarda e reproduz imagens

mnêmicas. Se o aparelho de percepção precisa retornar sempre a seu estado original para acolher novas percepções, a função da memória requer que toda percepção crie modificações permanentes. Essas duas condições contraditórias não podem ser desempenhadas pelo mesmo órgão.

O termo retrogressão foi empregado por Breuer ao discutir a alucinação. Ao abordar este fenômeno refere-se à "excitação retrogressiva emanada do órgão da memória e atuando no aparelho perceptivo por meio de idéias" (5). Isto levou Strachey a concluir que Breuer, como Freud, estaria tratando de uma excitação que, de forma inversa à habitual, fosse conduzida do órgão da memória ao da percepção (49).

A explicação do fenômeno alucinatório, entre tanto, reside para Breuer numa alteração da excitabilidade do aparelho de percepção e não em distúrbios no órgão da memória: "se o órgão perceptivo é excitado por uma imagem mnêmica, precisamos supor que a excitabilidade desse órgão foi modificada numa direção errada, e é esta modificação que torna a alucinação possível", e mais além, sobre a sugestibilidade alucinatória, "exige, como todas as alucinações, um grau anormal de excitabilidade do órgão perceptivo" (5).

Podemos concluir que com o termo "excitação retrogressiva" Breuer apenas descreve o fato de que na alucinação o aparelho de percepção toma por estímulo externo um estímulo que é constituído por uma imagem mnêmica (interno). Não está propondo com o termo retrogressão qualquer conceito teórico.

#### B - Retrogressão na Teoria Freudiana

Em 1895 (41), também a respeito do problema da alucinação, Freud desenvolve a noção de retrogressão.

O sistema Psi-Pallium, correspondendo ao "Órgão da memória", só teria contato com o mundo externo através do sistema Phi, do qual recebe uma fração da quantidade que por ele corre. A condução de Phi a Psi é a habitual, mais fácil que a inversa. Entretanto no sono, em virtude de condições energéticas excepcionais no sistema neuronal (cessação da corrente de Phi ao polo motor e impedimento da descarga motora da energia psíquica), a condução de Psi-Pallium a Phi se torna possível, sendo chamada de retroativa.

A condução retroativa de energia é responsável pelo "engano" do aparelho de Percepção (W), que toma por percepção objetiva uma idéia ou memória.

Essa concepção é semelhante a que defende Jackson (45). Os processos nos centros superiores, relevantes na percepção e na ideação, são os mesmos. O que distingue os dois casos é a participação ou ausência de participação dos centros médios e inferiores. Se a descarga dos centros superiores é forte o suficiente para vencer a resistência dos centros médios e inferiores, a ideação toma o cunho de percepção. Logo, é a participação dos centros inferiores o que garante o cunho objetivo à percepção.

Voltando à retrogressão, vemos que esta corresponde já a uma tentativa de explicação do fenômeno alucinatório. Freud está tratando do modelo teórico ao elaborar o conceito de condução retroativa de energia no sistema neuronal. Isso, ao contrário do que afirma Strachey, diferencia claramente o uso que do termo retrogressão fazem Breuer e Freud. Para o primeiro, como já vimos, o termo é usado na descrição do fenômeno alucinatório, enquanto para o segundo é um conceito teórico empregado na explicação do mesmo fenômeno.



### C - Regressão Topográfica

O conceito de retrogressão é retomado e desenvolvido em 1900 (9), desta vez como regressão topográfica. Neste intervalo ocorreram grandes reformulações na teoria do aparelho psíquico, e portanto também no conceito em questão. Para esclarecer os novos sentidos que toma é indispensável o claro entendimento dos passos que levam à construção da topografia do aparelho psíquico com a qual o conceito se relaciona.

Na seção B do Cap. VII, concebendo o aparelho psíquico como o instrumento das funções psíquicas, Freud vai referir cada atividade psíquica a um dos diferentes sistemas componentes do aparelho, partindo da observação para a construção do modelo teórico.

Os processos psíquicos têm uma ordenação temporal. Na montagem do esquema do aparelho psíquico, os vários sistemas, sedes das funções psíquicas, são montados numa sequência, de tal forma que se concebermos a excitação atravessando-os na direção habitual, isso corresponda, a nível de fenômeno, à ordem cronológica em que as várias atividades psíquicas emergem na ocorrência psíquica.

A atividade psíquica começa em estímulos e termina em ações motoras. A partir disso é possível estabelecer uma topografia rudimentar do aparelho psíquico - um polo perceptivo, um polo motor e uma direção privilegiada de condução.

Freud adotou a argumentação de Breuer de que um mesmo sistema não poderia exercer simultaneamente as funções de percepção e de memória, já que isto implicaria em sofrer modificações na qualidade de traços mnêmicos, e conservar-se ao mesmo tempo imodificado para acolher percepções no

vas(9, 23, 30, 41). Separou portanto o "órgão da memória" do órgão de percepção, localizando os vários sistemas mnêmicos além do sistema de percepção.

Seguindo Alberto Magno (9) que referiu-se a um processo de abstração das sensações até as idéias, Freud considera que os pensamentos originam-se em imagens sensoriais. Seu primeiro estágio são as imagens mnêmicas das impressões sensoriais, às quais as palavras são posteriormente ligadas e por fim relacionadas formando os pensamentos (20). Os sistemas mnêmicos em que a forma de inscrição reflete mais imediatamente a percepção, ou seja, memórias perceptivamente representadas, e em associação por simultaneidade, são portanto localizadas mais perto do polo perceptivo. Os sistemas mnêmicos inscritos segundo formas de associação mais complexas e distantes do dado perceptivo, em signos verbais por exemplo, situam-se mais próximos ao polo motor (9, 44).

Finalmente, do estudo do sonho é derivada a colocação espacial dos sistemas Inc. Censura e Prec.

Tendo em mente esta topografia do aparelho psíquico apresentada em 1900, passaremos a examinar a noção de regressão topográfica.

A ordenação temporal habitual das funções psíquicas nas ocorrências psíquicas - percepção - memória - pensamento - motilidade - aparece invertida em certos fenômenos, ou seja, no sonho, na alucinação e no recordar voluntário. Nestes casos, o pensamento perde suas relações, se decompõe no seu material mnêmico bruto, e pode chegar a tomar o cunho objetivo da percepção, como ocorre na alucinação onírica ou patológica.

Se os processos psíquicos tomam um sentido habitual, se desenrolando da percepção ao pensamento, nestes acontecimentos ocorre o inverso. Neles a ordenação temporal das funções seria: pensamento - memória - percepção. O termo regressão topográfica nomeia este fenómeno, e por isso Freud insiste em tratá-lo como conceito descritivo.

Entretanto Freud utiliza o termo regressão topográfica com dois sentidos (9):

- nomear o fenómeno acima;
- enlaçar este fenómeno ao esquema do aparelho psíquico.

Na medida em que enlaça o fenómeno ao modelo teórico, passando do plano descritivo ao explicativo, Freud introduz uma segunda acepção do termo regressão topográfica, sem explicitá-lo.

Como vimos, no sonho e outras ocorrências psíquicas, a ordem temporal habitual de emergência das várias funções está invertida. Como consequência óbvia do método empregado na construção da topografia do aparelho psíquico, temos que supor que nas ocorrências em que as várias funções se apresentam cronologicamente de forma inversa à habitual, o aparelho psíquico tem que ser concebido como sendo percorrido pela excitação numa direção inversa à habitual.

A regressão topográfica como conceito teórico diz respeito a direção da excitação no aparelho psíquico, que ao invés de cruzá-lo como habitualmente do polo sensorial ao motor, o faz na direção inversa.

É preciso distinguir o conceito teórico de regressão topográfica do sentido factual do termo, que ape -

nas descreve o fenômeno do qual o conceito teórico pretende dar conta.

Em ambos os planos, tanto fenomenal quanto teórico, o termo retrogressão estaria mais apropriado que o de regressão, visto que a referência explícita não é a um movimento inverso ao desenvolvimento, mas sim a um processo ocorrendo na forma inversa à habitual:

- na regressão topográfica como conceito descritivo a seqüência cronológica da apresentação das funções numa ocorrência psíquica está invertida;
- na regressão topográfica como conceito teórico, está invertida a seqüência dos sistemas percorridos pela excitação.

#### D - Regressão Topográfica e Dissolução

Como vimos, na conceituação de regressão topográfica apresentada em 1900 não há referência a volta a níveis de desenvolvimento anteriores. Entretanto Freud deixou de usar o termo retrogressão (Rückläufigkeit) e adotou o termo regressão (Rückbildung) que carrega esta conotação. Mais além, em 1914 afirma que a regressão no seu sentido genético e a regressão topográfica são, na verdade, apenas uma (9).

Tentaremos esclarecer de que modo se aproximam os dois sentidos do termo, voltando ao aparelho psíquico de 1900, em que Freud hipotetiza os sistemas mnêmicos. Estes reteriam não só o conteúdo das percepções, mas conexões entre elas. Os vários sistemas, diferenciados topograficamente, contêm o material mnêmico arranjado segundo formas de associação diversas.

Isto não nos ajuda a apreender a relação en-

tre retrogressão e regressão no sentido da dissolução, a não ser que complementemos essas informações com o modelo do aparelho psíquico apresentado em 1896 na Carta 52 (44) que é estreitamente relacionado com o modelo de 1900.

Em 1896 Freud hipotetiza que

- o aparelho psíquico se originou por um processo de estratificação;
- o material mnêmico sofre, durante o desenvolvimento, sucessivas retranscrições de acordo com novas formas de associação;
- cada transcrição inibe a anterior e retira dela o processo excitativo, incorporando-o;
- quando falta uma transcrição a excitação é resolvida pelas leis vigentes na etapa evolutiva anterior.

O evolucionismo foi usado neste modelo de forma clara. Os sistemas mnêmicos de 1900 possuem formas de associação diversas, mas a referência a níveis evolutivos só fica explicitada aqui. Os sistemas mnêmicos mais antigos e simples são os mais próximos ao aparelho de percepção, e os mais recentes e complexos são os mais distantes.

Quando a excitação retrocede no aparelho psíquico, abandona sistemas mnêmicos mais recentes e complexos e ativa sistemas mais antigos e simples, passa a funcionar segundo as leis referentes ao período psíquico anterior.

Há uma coincidência entre retrogressão de energia no aparelho psíquico e regressão no sentido de involução neste caso, o que justifica a aproximação sugerida por Freud entre os dois conceitos.

Entretanto, dentro do mesmo modelo é possível imaginar casos em que não haja essa coincidência. Se a excitação vinda do polo perceptivo se detém em algum sistema mnêmico antigo, o resultado também será o funcionamento segundo leis mais arcaicas. Temos aqui uma regressão sem retrogressão de energia.

De qualquer forma, por uma questão de simplicidade, é mais conveniente separar os dois sentidos de regressão, segundo Laplanche e Pontalis (46) "voltar para trás, tanto no sentido espacial quanto temporal", e chamar a volta para trás no sentido espacial de retrogressão, guardando o termo regressão para o sentido similar ao da dissolução Jacksoniana.

#### E - A Evolução Posterior do Conceito de Regressão Topográfica ou Retrogressão

No Cap. VII de "A Interpretação dos Sonhos" (9) Freud explica alternativamente o fenômeno onírico de duas formas e sem distinguí-las. Esta dualidade corresponderia a dois modelos do aparelho psíquico apresentados em 1895(41) e em 1896 (44) a que lança mão indiscriminadamente neste Capítulo.

1 - Na seção B do Cap.VII, a censura barrando a progressão da excitação, e a atração exercida por memórias infantis do sistema mnêmico perceptivamente representado, levam a excitação a retrogredir no aparelho psíquico desde que não haja uma corrente progressiva dificultando esta passagem. A consequência da retrogressão é essa excitação ativar sistemas mais antigos e ser resolvida pelas leis ali vigentes (regressão genética). A deficiência dessa explicação fica clara. Se o mesmo não acontece na vigília porque então a corrente progressiva dificulta a retrogressão, fica impossível aplicar essa mesma explicação aos fenômenos patológicos de vigília semelhante aos do sonho.

2 - Na seção E do Cap.VII são as modificações do processo energético no sistema Prec. que liberam as inibições que durante a vigília eram impostas ao sistema Inc., surgindo então o investimento alucinatório da memória do objeto do desejo, processo característico do funcionamento do sistema Inc. não inibido, e do seu antecessor Psi-Pallium. Esta concepção está mais de acordo com o princípio evolucionista empregado, segundo o qual a dissolução do sistema superior não só teria o efeito de suspender certas funções, neste caso o pensamento, como também liberar outras próprias do sistema inferior não controlado, como a alucinação. Por outro lado, desta forma é possível explicar de modo homogêneo tanto os fenômenos oníricos quanto os patológicos.

Como é a esta segunda concepção que Freud vai se ater mais proximamente daí por diante, o conceito de re-trogressão ou regressão topográfica vai perdendo seu valor ex-plicativo e adquirindo a função puramente descritiva que Breuer tinha adotado anteriormente - descreve o fenômeno alucinatório resultante da regressão do sistema psíquico superior, cujo funcionamento é condição da discriminação de memórias e percepções.

Por outro lado o valor explicativo do concei-to de regressão topográfica vai se perdendo com as re-formula-ções a que Freud submete a topografia do aparelho psíquico.

Na topografia do aparelho psíquico apresenta da na seção B do Capítulo VII e que fundamentava o conceito de regressão topográfica, vimos que a percepção e a consciên-cia eram localizadas nos extremos opostos do aparelho, e que os sistemas mnêmicos mais primitivos e antigos situavam - se mais próximos ao polo perceptivo. Mais tarde as funções de percepção e consciência são atribuídas a um mesmo sistema (21) e finalmente esse sistema será localizado na superfície

do Ego (25). O alcance dessa reformulação se esclarece ao examinarmos o esquema gráfico do aparelho psíquico de 1923 (25). O Ego, sistema mais recente e complexo, se situa mais próximo ao sistema Percepção-Consciência, e mantém com ele relações mais estreitas do que o Id, sistema mais antigo e primitivo. Com relação à nova topografia do aparelho psíquico não é verdadeira a afirmativa de Freud de que o que é "mais antigo no tempo e mais primitivo na forma situa-se mais perto da extremidade perceptiva" (9).

Finalmente, a partir de 1915 (21), a explicação do fenômeno alucinatório sofre total reformulação, não mais dependendo da ativação retrogressiva de memórias perceptivamente representadas como na seção B, ou de investimento não inibido da memória do objeto desejado, como na seção E do Cap. VII. Aproximando-se de Breuer, Freud explicará a alucinação por um distúrbio no funcionamento do sistema Percepção-Consciência, e não mais por processos energéticos dentro do "órgão da memória", como veremos mais detidamente no Cap. III.

Disso resulta que o conceito de retrogressão perderá qualquer valor explicativo. Sendo assim, podemos passar à regressão propriamente dita.

## 2. REGRESSÃO FORMAL E TEMPORAL

Tendo descartado a regressão topográfica como equivalente ao conceito de dissolução de Jackson, vamos tentar esclarecer a distinção introduzida por Freud entre regressão temporal e regressão formal, estas tendo o sentido de movimento inverso ao do desenvolvimento.

Apreendemos da literatura freudiana que a regressão temporal se refere à volta a formações psíquicas mais



antigas, e que a regressão formal a meios expressivos e de representação psíquicos mais primitivos (11).

Freud não apresenta qualquer clarificação dos problemas conceituais que o levaram a propor tal distinção, tendo ficado obscuras suas conseqüências.

Entretanto, nos trabalhos em que K. Lewin tenta uma sistematização do conceito de regressão, encontramos esclarecimentos que nos auxiliarão no entendimento das duas espécies de regressão propostas por Freud.

Segundo Lewin, a abordagem do desenvolvimento e da regressão "tem seu lugar científico numa interseção particular de problemas históricos e dinâmicos" apontando simultaneamente para a seqüência única de experiências que compõem a história do indivíduo, e para as leis que dirigem o comportamento em cada estágio (47).

É preciso distinguir os dois tipos de modificações que podem ocorrer na regressão:

- a volta a um tipo de comportamento característico de uma época anterior na história do indivíduo;
- a mudança para um tipo de comportamento mais primitivo.

Geralmente ambas ocorrem simultaneamente, mas isso não é necessário. A regressão pode levar a um comportamento mais primitivo mas completamente novo, nem sempre o mais antigo é mais primitivo. No caso da mudança de comportamento envolvida na passagem da idade adulta para a senil, por exemplo, do ponto de vista temporal, temos uma progressão para um comportamento novo, do ponto de vista de organização temos uma primitivização (regressão).

A partir destas considerações Lewin propõe distinguir os conceitos de retrogressão e regressão, o primeiro designando mudança a estados ou comportamentos similares a outros anteriores na seqüência temporal e o segundo a mudança a estados ou comportamentos mais primitivos.

O conceito de regressão estaria ligado então a uma definição do que seja a primitivização. Teremos que contar com uma teoria do desenvolvimento em que os vários níveis sejam definidos em termos de uma hierarquia de organizações segundo diferentes graus de diferenciação, e sem referência a idade, já que pode ser normal a primitivização de certas funções em certas faixas de idade.

Podemos relacionar retrogressão e regressão em Lewin com regressão temporal e regressão formal na teoria freudiana.

A regressão formal se refere as leis de funcionamento do aparelho psíquico. Como vimos, a Psicanálise dispõe de uma teoria do desenvolvimento do aparelho psíquico em que níveis são definidos por uma ordem de precedência formal de um modo de funcionamento sobre o outro - Processo Primário/Processo Secundário.

A regressão temporal se liga às experiências e à história singular de cada indivíduo.

Em outro contexto Freud, a propósito da elaboração onírica, distingue entre regressão formal, ligada à forma primitiva de expressão do sonho, e regressão material - revivência tanto do material das experiências antigas, tais como impulsos, desejos, traços de caráter, quando das características da vida mental infantil (20). O termo regressão material é na verdade sinônimo de regressão temporal, e nada há de conceitualmente novo nessa variação terminológica.

Podemos agora, a partir dessa conceituação geral de regressão temporal e formal, tentar apreender de que forma os problemas abordados pelos dois conceitos se articulam dentro da teoria psicanalítica.

Nos seus primeiros trabalhos, como vimos, para abordar o aparelho psíquico Freud descreve a evolução que teria ocorrido até o surgimento deste aparelho em sua forma atual (41, 44). De acordo com a doutrina Jacksoniana empregada, as etapas evolutivas anteriores estão representadas no aparelho psíquico maduro, embora modificadas pela superposição das novas organizações. Temos então neste aparelho a possibilidade de modos de funcionamento diferentes, regulados por leis de diferentes níveis de complexidade.

Este primeiro modelo do aparelho psíquico só vai sendo melhor integrado com as descobertas sobre o desenvolvimento ontogenético, e com os achados psicológicos em geral a partir de 1900 (9).

Os sistemas psíquicos sedes dos processos primário e secundário (Inc. e Prec.) passam a ser caracterizados, além de pelas diferentes leis que regem seu funcionamento, também pela acessibilidade à consciência e pela "idade" dos conteúdos (memórias, desejos) que por estas leis são processados.

Com esta superposição de critérios ocorre uma coincidência entre a hierarquia de precedência formal dos sistemas e a seqüência temporal de inscrição dos conteúdos psíquicos. As memórias arcaicas serão sempre tratadas pelo processo primário e as memórias recentes pelo processo secundário.

Nesta concepção do aparelho psíquico, regressão formal e temporal ocorreriam necessariamente no mesmo movimento, e o valor da distinção entre ambas estaria obscurecido.

Mais tarde (19) surge a dificuldade de conciliar esta teoria do aparelho psíquico com a observação de que conteúdos recentes, considerados como ramificações dos desejos inconscientes infantís, são também reprimidos, tornando-se portanto inconscientes e recaíndo no sistema Inc. Os sistemas psíquicos passam a ser caracterizados apenas pelas leis de funcionamento e pela acessibilidade à consciência dos conteúdos, mas não mais pela qualidade de arcaica ou recente da memória.

Neste ponto uma defasagem é estabelecida entre as ordens formal e temporal.

De acordo com a nova concepção, conteúdos recentes podem ser tratados pelo processo primário, fazendo parte do sistema formalmente inferior, desde que sejam reprimidos. Por outro lado, conteúdos arcaicos podem ser tratados pelo processo secundário e fazer parte do sistema formalmente superior, desde que não haja razões para que seu acesso à consciência seja impedido.

A partir dessa reformulação, que assume grande importância na última teoria do aparelho psíquico (Ego/Id), a regressão formal e a regressão temporal não mais coincidem necessariamente (25).

Existe uma correlação grosso modo entre processo primário e conteúdos infantís, visto que o núcleo de atração da repressão são ainda os desejos inconscientes infantís, com os quais os conteúdos recentes entram em asso -

ciação, e que na segunda topografia fazem parte do Inc. e na terceira do "reprimido".

A centralidade da sexualidade infantil na estruturação do Inc. ou do Reprimido é sempre mantida por Freud. Mas visto que qualquer conteúdo recente que entre em conexão com esses desejos pode ser também reprimido, também o recente pode ser tratado pelo processo primário.

### III - A REGRESSÃO DO EGO

A regressão do ego, que "atinge a satisfação alucinatória de desejos", foi distinta da regressão da libido em 1915 (21). O termo "ego", que assumiu uma multiplicidade de sentidos nos vários momentos da obra de Freud, é aqui sinônimo de psiquismo. Em um de seus principais trabalhos sobre a evolução do aparelho psíquico e de seus modos de funcionamento (13), Freud já havia empregado o termo "ego" nesta acepção.

Começaremos nosso exame da evolução e regressão do aparelho psíquico abordando os processos psíquicos primário e secundário.

#### 1. OS PROCESSOS PSÍQUICOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

Os diferentes processos psíquicos correspondem a conceitos centrais na metapsicologia Freudiana, desde os seus primórdios (41) e que, apesar de algumas reformulações, foram mantidos em seus principais aspectos ao longo das sucessivas teorias do aparelho psíquico.

A sua referência básica corresponde ao conjunto de leis que regem o funcionamento dos diferentes sistemas ou níveis de integração psíquicos. Os dois processos representam diferentes etapas na evolução filogenética do aparelho psíquico cuja diferenciação atende às exigências de uma maior capacidade de sobrevivência.

##### A - Processo Primário

Desde 1895 o processo primário se caracteriza pelo livre escoamento de energia conforme as facilitações permanentes conseqüentes às experiências de satisfação e dor, constituindo as forças do desejo e da repulsão (41). O dese-

jo busca perceber o objeto associado a vivências de satisfação de necessidades. A energia psíquica correrá na direção do engrama mnêmico deste objeto, até que este seja percebido, ou por sua aparição real, ou na modalidade alucinatoria, quando o investimento de excitação ultrapassar certo nível, pois é a "quantidade que condiciona a alucinação".

Em 1900 (9) esta concepção é reafirmada, sendo o processo primário caracterizado pela livre derivação de excitação visando alcançar com a soma assim acumulada a "identidade de percepção". Embora não mais se refira aos neurônios secretores, Freud reafirma no Cap. VII a força da repulsão, ou seja a tendência a "abandonar" (retirar energia psíquica) dos traços mnêmicos do objeto fonte de dor, já que seu investimento reproduziria a dor. A partir dessa época, entretanto, a força da repulsão é abandonada, o que origina problemas de como caracterizar o conflito psíquico que levaria à repressão, aparente nas discussões já presentes no Cap. VII de como algo que ocasionava prazer poderia se tornar fonte de desprazer.

O princípio do prazer é associado em 1900 aos processos primários. Entretanto, o princípio do prazer é tratado na teoria Freudiana de forma ambígua, tendo dois significados diferentes (3):

- prazer e desprazer correspondem, na vida psíquica, à redução ou aumento do nível de tensão no aparelho psíquico(17,23,41). O princípio do prazer é aqui reduzido ao princípio da constância; a tendência psíquica a buscar o prazer e evitar o desprazer é identificada com a tendência à redução de tensão do aparelho psíquico;
- o princípio do prazer se refere às forças

características do processo primário, a satisfação do desejo correspondendo a busca do prazer e a repulsão da memória do objeto hostil correspondendo a evitação do desprazer (9, 13).

No artigo "Os Dois Princípios do Sucedor Psíquico" (13) Freud descreve o desejo e a repulsão dos processos primários como caracterizando o Ego submisso ao Princípio do Prazer, e relaciona, numa perspectiva genética, o par Princípio do Prazer e Princípio da Realidade. O Princípio do Prazer tem aqui como referência básica a satisfação alucinatória do desejo - a equiparação entre "o desejo e o acontecimento que o realiza", e "entre a realidade mental e a realidade externa" em contraposição a "representação das circunstâncias reais" que caracteriza o Princípio da Realidade. Nesta época Processo Primário e Princípio do Prazer, na acepção acima descrita, se confundem, assim como o Processo Secundário e o Princípio da Realidade. Isto decorre de que a representação adequada do real não pode ter lugar na vigência do Processo Primário, visto que nesta há o investimento excessivo da memória do objeto do desejo, e é a quantidade que condiciona a alucinação, como vimos acima. Portanto, funcionando o aparelho psíquico em Processo Primário, teremos necessariamente a dificuldade de distinção entre memórias e percepções reais que caracteriza o aparelho psíquico enquanto regulado pelo Princípio do Prazer.

Em 1915 (21) a alucinação não mais é considerada como fruto do investimento excessivo de uma imagem mnêmica. A distinção entre exterior e interior não está mais ligada ao processo energético no "órgão da memória", mas a um dispositivo especial, o "exame da realidade", do qual o sistema Percepção-Consciência está encarregado. A percepção alucinatória do objeto desejado não mais caracterizará o Processo



so Primário, e sim a tendência a evocar o agradável, simétrica a tendência de retirar a carga de qualquer representação desprazerosa.

Resumindo, topograficamente, o Processo Primário se caracteriza pelas facilitações permanentes resíduos das experiências de satisfação e dor e por sua localização no sistema evolutivamente inferior; economicamente pelas catexias livres, mobilidade do deslocamento energético (deslocamento e condensação) e descarga em bloco; e dinamicamente pelas forças do desejo e da repulsão, que tendem a evocar representações ligadas a experiências de satisfação e "descarregar" representações ligadas a experiências desprazerosas.

O pensamento primário buscando as representações agradáveis na cadeia associativa, e interrompendo as associações ao ativar uma representação dolorosa, representa imperfeitamente a realidade, não garantindo a satisfação das necessidades que exigem a busca do objeto real e a ação específica em sua presença, nem evitando eficientemente o encontro com objetos danosos no meio externo. Portanto o Processo Primário não assegura um real sucesso adaptativo podendo ser concebido na criança sob cuidados familiares ou no adulto, mas tendo como área privilegiada a sexualidade, uma área de menor relevância para a conservação individual.

#### B - Processo Secundário

Em 1895 (41) o Processo Secundário resulta do surgimento de uma organização com catexias constantes, o "ego", que podem ser empregadas como catexias colaterais na inibição da passagem de quantidade, transformando as catexias livres em catexias ligadas. Através das catexias colaterais do ego é inibido o deslocamento de catexias para a imagem mnêmica do objeto de satisfação, impedindo-se sua ativação alu-

cinatória, e surge o pensamento, que procura este objeto no mundo externo, constituindo-se o desejo inibido pelo ego(2). A inibição do ego incide também sobre o deslocamento de catexias da imagem mnêmica do objeto hostil para os neurônios secretores. Desta forma a produção de quantidade por estes neurônios é limitada, e também a intensidade da defesa. A produção de quantidade sendo reduzida a um "sinal", as memórias associadas a experiências de dor podem fazer parte da cadeia associativa.

Não se deixando enganar pelas intensidades o aparelho psíquico pode usar os sinais de realidade vindos dos neurônios perceptivos, e deixar os "reflexos adequados" ou a "fuga reflexa" para serem executados apenas ante os objetos reais de satisfação e dor respectivamente. Em 1900, a inibição da qual resulta o Processo Secundário, adiando a descarga motora, permite que a excitação emanada da necessidade seja empregada na modificação do mundo externo visando o encontro do objeto real(9). Esta é uma das poucas oportunidades em que o Processo Secundário é caracterizado não só pelo pensamento, como "rodeio" que vai da evocação do objeto desejado até seu encontro no real, mas pela conduta de procura deste objeto.

O Princípio da Realidade, dado em 1911 (13) como regendo os Processos Secundários, refere-se a possibilidade de retratar adequadamente o real, a partir da capacidade de distinguir acertadamente a realidade mental da realidade externa. Uma vez que nesta fase é a inibição dos Processos Primários, como descrita acima, e sua transformação nos Processos Secundários o que permite a utilização dos "sinais de realidade" para distinguir representação de percepção, Princípio de Realidade e Processo Secundário coincidem necessariamente. Mais tarde, em 1915, o "exame da realidade" é desvinculado do Processo Secundário, um passo que traz conse -

quências que serão examinadas mais detidamente na próxima seção.

Sintetizando, o Processo Secundário é adscrito ao sistema evolutivamente superior, caracterizando-se por facilitações permanentes derivadas das experiências, e por facilitações transitórias provocadas pelas catexias laterais. Economicamente se refere as catexias ligadas, que resultam de uma elevação do nível catético que permite o envio de pequenas quantidades no deslocamento.

O desejo secundário é uma força que surge quando há um aumento de tensão no aparelho psíquico a partir do momento em que é evocada a memória do objeto de satisfação pela entrada de catexias a partir do soma. Procura no mundo externo o encontro do objeto de satisfação através das operações do pensamento e da conduta apetitiva. Ao contrário do desejo primário, esta força é eficaz frente ao objetivo último de garantir a satisfação da necessidade, o que depende da execução da ação específica frente ao objeto real adequado.

Algumas vezes Freud adota como únicas forças presentes no aparelho psíquico as forças originárias da necessidade somática, isto é, os desejos "primário" e "secundário", posição que dificulta a caracterização do conflito psíquico(32)Na primeira (41) e na terceira (25) teorias do aparelho psíquico é que são abordadas, com maior clareza, as duas forças simétricas que caracterizam o Processo Secundário - o Desejo Secundário e a Defesa.

Na primeira teoria (41), a defesa resulta da inibição do deslocamento de catexias da memória do objeto hostil para os neurônios secretores, permitindo apenas uma produção limitada de "quantidade" quando o objeto hostil for evocado. O aumento, também limitado, de tensão no aparelho

psíquico funciona como sinal de perigo, desencadeando uma força que podemos chamar de defesa-inibida-pelo-ego, responsável pela conduta destinada a evitar o objeto hostil no mundo externo (2). No quadro da segunda teoria do aparelho psíquico, Freud abandona os neurônios secretores, mas reafirma que a reação da memória da percepção associada à dor começaria a produzir desprazer, o que leva ao "desvio" desta memória, e que somente após a inibição do Processo Primário o desenvolvimento de desprazer fica restrito a um "sinal" (9). Entretanto, a sequência natural do "sinal" de perigo, que seria uma força no sentido de evitar a situação de perigo, não fica explícita, mantendo-se confusa a caracterização do conflito psíquico que leva à repressão de um impulso desejoso.

A partir de 1923 (25, 33, 35) é introduzido o conceito de "sinal de angústia". Este sinal é uma reprodução atenuada da reação de angústia a uma situação traumática, quando um grande aumento do nível de tensão no aparelho psíquico, de origem endógena ou externa, leva a uma descarga de emergência que afeta os órgãos respiratórios, coração, etc. A reprodução mitigada desta reação serve ao Ego como sinal de uma situação de perigo, em que a situação traumática poderia vir a se restabelecer, e desencadeia reações e mecanismos destinados a proteger contra esta situação perigosa, constitutivos da força de Defesa. A nova concepção responde satisfatoriamente à necessidade de caracterizar o conflito psíquico como sendo entre duas forças simétricas - o desejo e a defesa, mas apresenta uma deficiência em relação a concepção de 1895. O que poderíamos chamar de força da Defesa "secundária" não tem na terceira teoria do aparelho psíquico um precursor genético no sistema evolutivamente inferior, o Id. Com efeito, o desenvolvimento de angústia face à situação traumática é um fenômeno automático de descarga, que não supõe qualquer intervenção do psiquismo - é a angústia econômica. O sinal de angústia, assim como a defesa re

sultante, são característicos do sistema Ego, não tendo como contrapartida explícita no sistema Id algo que correspondesse a uma reprodução da angústia ao serem evocadas representações associadas às situações traumáticas e uma força de Defesa típica do Processo Primário, tal como a repulsão, anteriormente.

## 2. PRINCÍPIO DO PRAZER E PRINCÍPIO DA REALIDADE - O EXAME DA REALIDADE

Desde 1895 (41) coloca-se o problema de definir o critério de diferenciação entre uma percepção e uma representação ou imagem mnêmica evocada. Na primeira teoria do aparelho psíquico são os neurônios perceptivos (W) que emitem um "sinal de realidade" responsável por esta diferenciação. Entretanto, o sinal pode ser provocado tanto por percepções externas quanto pelo investimento de uma imagem mnêmica, desde que este investimento ultrapasse certa intensidade.

Como vimos na seção anterior, é característico do Processo Primário o investimento excessivo da memória do objeto do desejo. Portanto, para que o "sinal de realidade" possa ser eficaz na distinção entre percepção e representação, é condição primordial que o Processo Primário sofra inibição pelo ego. Sendo o valor do "sinal vindo de fora" limitado à vigência do Processo Secundário, qualquer regressão do aparelho psíquico ao Processo Primário o invalidaria.

Em 1911 (13) Freud introduz a concepção de dois princípios do funcionamento psíquico, o Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade, referindo-se a duas etapas evolutivas. Na vigência do Princípio do Prazer o aparelho psíquico não distingue a realidade externa da mental. A consideração adequada da realidade externa possibilitada pela distinção entre o que é percebido e o que é representado caracteriza o domínio do Princípio da Realidade. Como é o exame

da realidade que permite esta distinção, a passagem do Princípio do Prazer para a Realidade é marcada pelo funcionamento adequado deste instrumento adaptativo.

O "exame da realidade" estando ligado ao modo de circulação de energia no aparelho psíquico e dependendo da inibição dos Processos Primários, como vimos acima, a consequência é a identificação do Princípio do Prazer com o Processo Primário e do Princípio da Realidade com o Processo Secundário.

Nesta teoria do "exame da realidade", que é mantida em seus aspectos centrais até 1915, a alucinação é atribuída ao investimento excessivo das imagens mnêmicas associadas a experiências de satisfação segundo a força do Desejo não inibido (41, 9, 13). É portanto um acontecimento energético dentro do "órgão da memória" que, invalidando o valor do sinal da realidade dado pelo sistema de percepção, determina:

- a vividez perceptiva das imagens mnêmicas que chegam à consciência e, como consequência necessária:
- a crença na sua realidade como percepção externa.

Uma nova elaboração deste tema é apresentada em 1915 (21). A partir da observação de que o fato de que uma imagem mnêmica que chega à consciência ser vívida não significa que seja invariavelmente reconhecida como percepção, a explicação da distinção entre representações e percepções é reformulada. O processo energético no "órgão da memória" poderá levar uma imagem vívida à consciência, através do investimento excessivo desta imagem, mas o reconhecimento do que é percepção e o que é memória passa a ser independente de tal

processo energético, e é atribuição exclusiva do sistema Percepção-Consciência.

Recordemos aqui a posição de Breuer, sempre a dotada por Freud, de que as funções de percepção e memória não poderiam ser atribuídas a um mesmo sistema (5, 23, 30, 41). Nos trabalhos metapsicológicos o "órgão da memória" e o "órgão da percepção" foram sempre radicalmente distintos (41, 9, 25, 44, etc.). Entretanto Freud oscilou por longo tempo a respeito de qual dos sistemas deveria ser atribuída a função da "consciência". Algumas vezes era aproximada ao órgão da percepção (44), outras ao órgão da memória (19), como na segunda teoria do aparelho psíquico em que não é diferenciada do sistema Prec., sede dos Processos Secundários.

A partir de 1915 a situação se define e a consciência é atribuída ao órgão da percepção (21). Surge o sistema Percepção-Consciência que, como um órgão sensorial, é incapaz de reter impressões.

O "exame da realidade" passa a ser da competência deste novo sistema, e independe do processo energético que no órgão da memória tem lugar. A confusão entre imagens mnêmicas e percepção dependerá então de um distúrbio no sistema Percepção-Consciência - numa subtração de sua carga energética. Desta forma Freud retorna à idéia defendida por Breuer (5) desde 1895 de que a perda de critério de realidade implícita na alucinação se deve a um distúrbio no órgão de percepção.

Strachey afirma que a solução dada ao problema do critério de distinção entre realidade externa e mental é "visivelmente semelhante" nas concepções de 1895 e 1915 (50). Discordamos de sua opinião, uma vez que as reformulações de 1915 acima descritas levam a importantes consequências:

- a) O valor do exame da realidade não mais se limita à vigência do Processo Secundário, já que independe do modo de circulação de energia no órgão da memória. O funcionamento em Processo Primário pode coexistir com a conservação do exame adequado da realidade.
- b) Conseqüentemente se antes a regressão do Processo Secundário para o Processo Primário implicava necessariamente a perda do "exame da realidade", temos agora duas linhas independentes de regressão do aparelho psíquico: a) uma levando à passagem do Processo Secundário ao Processo Primário, e b) outra levando à perda do exame da realidade e à passagem do Princípio da Realidade ao Princípio do Prazer. Ambas podem ocorrer juntas, ou apenas uma delas por vez.

Estas reformulações metapsicológicas, embora sistematizadas apenas em 1915, já haviam sido antecipadas por certas observações efetuadas por Freud muitos anos antes, e das quais vieram dar conta. Com efeito, em 1900 Freud fala de duas características na manifestação dos sonhos que seriam quase independentes (9):

- a representação do desejo como realizado;
- transformação do pensamento em percepções sentidas como "externas".

O sonho, o devaneio e a alucinação representam o desejo como realizado, mas no devaneio há consciência de que se trata de pensamentos, de realidade mental, enquanto o sonho e a alucinação são sentidos como realidade externa. Em outras palavras, sonho, alucinação e devaneio são ma-



nifestações do Processo Primário, no qual não há um adiamento que permita a busca no meio ambiente do objeto desejado, mas é evocada diretamente a experiência de satisfação. No devaneio, entretanto, o exame da realidade é mantido, enquanto no sonho e na alucinação sofre regressão. O sonho constituiria um caso de regressão ao Processo Primário e ao Princípio do Prazer, enquanto no devaneio ocorreria apenas regressão ao Processo Primário.

Exceto por uma sugestão logo depois abandonada de que o "exame da realidade" dependeria do ego ideal (24) Freud parece ter mantido esta função a cargo do Sistema Percepção-Consciência. Na terceira teoria do aparelho psíquico (25, 36), é pela relação que o Ego mantém com esse sistema que Freud lhe atribui o "exame da realidade".

Convém acrescentar que, segundo Strachey, ao atribuir em 1923 o "exame da realidade" ao Ego, Freud estaria retomando a concepção de 1895, quando esta função foi também atribuída ao "ego" (50). Strachey não considera entretanto que, embora empregando o mesmo termo (Ego), Freud estaria lidando em 1895 e 1923 com conceitos distintos. Em 1895 (41), o ego é uma organização composta de um grupo de neurônios e facilitações portadores de uma reserva de energia que é empregada na inibição do Processo Primário. O ego não é aqui o sistema onde se desenrolam os Processos Secundários, mas uma condição para a emergência desse sistema, o Psi-Pallium inibido pelo ego. Nesta teoria, o ego é responsável pelo exame da realidade, no sentido de que a condição primária para o funcionamento do sinal de realidade seria a inibição do Processo Primário, como vimos acima.

Já em 1923, o Ego é o sistema onde ocorrem os Processos Psíquicos Secundários (25) e portanto se aproxima não ao "ego" mas ao Psi-Pallium inibido pelo ego de 1895. Nes

ta teoria Freud atribui ao Ego a função de exame da realidade, pela conexão deste sistema com a Percepção-Consciência. Em 38 esclarece melhor (36). O sistema Percepção-Consciência é localizado na capa mais externa do Ego. Esta "periferia" pode ser excitada tanto por percepções externas quanto por acontecimentos internos ao Ego; ideativos, o que torna necessário o mecanismo de verificação da realidade, já que o percebido não é necessariamente real. Portanto, o exame da realidade é atribuição do Ego enquanto sistema Percepção-Consciência, e não enquanto "órgão da memória", sede dos Processos Secundários.

Sintetizando, o exame da realidade é uma função independente dos processos energéticos a nível de memórias e representações. Podemos, portanto, distinguir dois tipos de regressão do aparelho psíquico: regressão do Processo Secundário ao Processo Primário e regressão do Princípio da Realidade ao Princípio do Prazer. Podendo haver discrepâncias entre os tipos de regressão, uma vez que contamos com duas linhas genéticas independentes, o valor explicativo do conceito de regressão é consideravelmente ampliado.

Veremos, a seguir, uma terceira linha genética (síntese psíquica) e um terceiro tipo de regressão (cisão do ego).

### 3. SÍNTESE PSÍQUICA

O conceito de síntese psíquica estava em primeiro plano nos trabalhos sobre a histeria de Freud e Breuer (4,5). A hipótese central sobre esse quadro era sua constituição a partir de uma dissociação ou cisão da consciência (Spaltung) e as dissensões se centravam na explicação desta dissociação.

Discordando de Janet que via a dissociação

da consciência como primária e congênita, Breuer caracterizava a disposição histérica através de estados anormais da consciência, os chamados estados hipnoides, nos quais haveria uma debilidade da capacidade de síntese psíquica. Os estados hipnoides poderiam aparecer espontaneamente, por causas internas, ou ser adquiridos, surgindo em devaneios e estados carregados de afeto (4, 5).

A dissociação que constitui a histeria é secundária. As impressões ocorridas nos estados hipnoides têm suas representações mnêmicas excluídas do comércio associativo com as representações surgidas em estados normais. Desta forma surge a dissociação da consciência.

Entretanto Breuer chama a atenção para o inadequado da expressão dissociação da consciência, visto que o grupo psíquico dissociado é inacessível à consciência em condições normais (5) e propõe o termo dissociação (Spaltung) da mente para designar a formação dos dois grupos psíquicos separados.

O interesse pela síntese psíquica estava, nesta época, ligado à necessidade de explicar a patologia pela atuação de idéias não acessíveis à consciência. A dissociação viria a dar conta da formação de um eu consciente (ou potencialmente consciente) - que posteriormente será o sistema Prec. - e de um eu inacessível à consciência - posteriormente o sistema Inc. A suposição subjacente seria um psiquismo originalmente integrado e preconsciente em sua totalidade, e que só em face de condições especiais, a disposição histérica, poderia sofrer uma dissociação que originasse um grupo de idéias associáveis entre si mas inacessíveis à consciência.

Inicialmente Freud subscreve a concepção de Breuer de disposição histérica, embora valorize mais a defe-

sa como originando a dissociação do psiquismo (5, 7, 38). Quando o conteúdo das impressões é tal que provoca uma intenção de esquecê-las, isso resulta na sua exclusão da associação, surgindo o segundo grupo de complexos ideacionais dissociados. Desde o início, entretanto, haviam discrepâncias entre os dois autores (40), e Freud abandona finalmente os estados hipnoides. O fator primário da dissociação passa a ser a defesa, que não supõe qualquer tendência prévia à perda da síntese psíquica, os estados hipnoides são reinterpretados por Freud como apoiados num grupo psíquico previamente dissociado por defesa, e a disposição à neurose será depois recolocada como resultante de uma experiência sexual traumática e prematura (8).

O conceito de defesa sofre em 1894 uma reformulação importante, mas é mantido seu papel na dissociação do aparelho psíquico em duas instâncias. Em 1893, a dissociação resultante da defesa tinha como efeito que a excitação ligada à idéia dissociada não podia ser descarregada por associação ou reação (5). Em 1894 (7), a defesa incide sobre memórias ligadas a afetos penosos, e pode assumir duas formas, que caracterizarão as psiconeuroses e a psicose alucinatória.

(A) A defesa "neurótica" não mais consiste na dissociação da representação com sua carga de energia psíquica do grupo psíquico dominante, mas na separação (por vezes chamada de dissociação) da energia psíquica de uma representação, de forma a que esta não mais aspire à associação. Aqui o termo dissociação assume três sentidos:

- a) - a separação entre uma representação e sua carga de energia psíquica;
- b) - a separação de um grupo de representações (as que estão destituídas de ener-

gia) das outras representações acessíveis à consciência;

- c) - a formação de um segundo grupo psíquico - isto é, de uma segunda instância do psiquismo, de conteúdo inacessível à consciência - em um psiquismo originalmente integrado e de conteúdos preconscientes. É este terceiro sentido que mais nos interessa.

(B) A outra forma de defesa apresentada em 1894 e que caracteriza a psicose alucinatória consiste em que o "ego" repudia a representação incompatível juntamente com sua carga de energia psíquica, e se conduz como se esta não existisse. Este mecanismo, também resultando na dissociação de um segundo grupo psíquico ou instância no psiquismo só será retomado muito mais tarde.

A aceção de dissociação do aparelho psíquico em instâncias vai perdendo seu valor. Se nas origens da Psicanálise se supunha que apenas em situações patológicas se diferenciaria, no psiquismo, um grupo de representações inacessíveis à consciência, mais tarde a dissociação dos dois sistemas passa a ser considerada de caráter universal evolutivo, não mais resultando unicamente dos processos de defesa:

Em 1900 não é mais de uma mente preconsciente que se dissocia um grupo psíquico inconsciente; o psiquismo é originalmente inconsciente, dele se diferenciando como consequência de uma evolução adaptativa o sistema Prec. (9). Em consequência do aparecimento tardio do sistema Prec. as memórias mais antigas não são inibidas por ele, permanecendo como núcleo do sistema Inc., que será acrescido por repressão. Em 1915 (19) o sistema Inc. é dotado de um núcleo de conteúdos filogenéticos e no quadro da última teoria do aparelho psíquico a diferenciação dos dois sistemas, o Ego e o Id, é filogeneticamente programada (25).

Já não mais se coloca o problema de esclarecer a disposição à perda da síntese psíquica responsável pela dissociação do aparelho psíquico em instâncias, já que a diferenciação dos sistemas é evolutivamente programada (estratificação Jacksoniana). Os problemas da síntese psíquica só serão novamente considerados em 1938, quando Freud retoma o conceito de dissociação como mecanismo de defesa (37).

A "cisão do ego" (Ichspaltung) refere-se a certos mecanismos de defesa em que persistem duas atitudes contraditórias simultaneamente, e sem influenciarem-se mutuamente.

O conceito de "cisão do ego" é introduzido na discussão do mecanismo de recusa (Verleugnung). Tentaremos expor o que se dá na recusa para apreender melhor o que Freud introduz com o novo conceito de cisão.

O conflito resulta quando um desejo instintivo se liga a uma situação externa de perigo. A satisfação de um desejo conjuraria uma situação de perigo lembrada. A situação de perigo tem que estar representada no psiquismo para que seja possível antecipá-la. Há memórias dotadas da propriedade de, se ativadas, desencadear um sinal de angústia, apoiado em um desencadear de angústia anteriormente experimentado em face de um estímulo externo nocivo (perigo real). Estão inscritas no psiquismo memórias de satisfações instintivas e memórias de angústia. Quando memórias dos dois tipos se associam no aparelho psíquico em face de experiências que demonstram que um desejo pode levar a uma situação nociva, temos o conflito. Quando a memória da satisfação instintiva for evocada, haverá a reprodução do sentimento penoso da angústia, desencadeando o mecanismo de defesa (33, 35, 37).

Na recusa o Ego, para solucionar o conflito, não efetua uma percepção da realidade que entrou em conflito

com um desejo importante (28), percepção que está representada no acervo das memórias de experiências dolorosas que passaram a funcionar como o indicador da situação perigosa.

Voltando à cisão do ego, enquanto a percepção recusada da realidade se mantém inconsciente, nada há de novo nesta situação. De todos os mecanismos defensivos resulta uma atitude preconsciente oposta a outra inconsciente e neste caso estaríamos falando apenas da cisão do psiquismo normal no adulto entre "ego preconsciente" e "ego inconsciente", delineada desde os primórdios da Psicanálise.

Entretanto, na segunda fase da neurose que corresponde ao fracasso da defesa, analogamente ao retorno do reprimido há também o retorno da realidade recusada que quer impor-se à consciência (28). Como no caso da repressão, a luta entre o recusado, que tenta retornar, e o ego pode ser solucionada por uma formação de compromisso, que atenda parcialmente ao desejo, e parcialmente ao reconhecimento da realidade incompatível. Mas em certos casos, o desenlace não é esta transação, que atenderia à síntese psíquica, mas o contrário: surgem duas atitudes antagônicas, uma que reconhece a realidade insatisfatória e outra que a recusa. Neste caso não se trata mais de que uma atitude faça parte do Ego preconsciente e a outra do reprimido, porque então estaríamos falando apenas da cisão do psiquismo normal no adulto. O novo conceito de cisão lida com duas atitudes contraditórias e ambas acessíveis à consciência, alternativamente.

Breuer já havia notado a diferença entre os casos em que havia apenas cisão da atividade psíquica, e os casos estudados por Janet, que apresentavam cisão da consciência. Nestes, a parte cindida é completa e acessível à consciência, enquanto nos primeiros vive "afundada na escuridão" (5).

Na cisão do ego, em vez de uma solução de compromisso que, atendendo tanto ao desejo quanto ao impulso de evitar o perigo real associado à satisfação, possa chegar à consciência, surge um distúrbio no Sistema Percepção-Consciência, que é parte do Ego na terceira teoria do aparelho psíquico. Serão acessíveis à consciência ora o desejo, ora o reconhecimento da percepção perigosa, evitando-se assim o conflito entre ambos os polos.

Como a cisão do ego não corresponde às divisões normais do aparelho psíquico maduro, entre sistemas ou instâncias, fica recolocado o problema de definir uma disposição à perda da síntese psíquica, já que na maioria dos casos de fracasso de mecanismo defensivo ela não ocorre, havendo em seu lugar a formação de compromisso entre as forças em conflito que atende a síntese psíquica (33). No seu artigo sobre "cisão do ego" Freud não explicita as condições deste "transtorno" da função sintetizadora dos processos do ego, mas em outro trabalho atribui a coexistência de vivências antagônicas, comum na infância, à debilidade da síntese psíquica peculiar dessa época (39).

Podemos então concluir que os mecanismos defensivos que envolvem a perda da síntese psíquica serão possibilitados por uma regressão a um modo já ultrapassado no funcionamento do aparelho psíquico, invertendo a terceira linha genética caracterizada pelo aparecimento da função sintética do ego.

Passaremos a situar as idéias de Freud sobre as linhas de evolução da libido e os tipos de regressão que lhes correspondem.



#### IV. - A REGRESSÃO DA LIBIDO

Freud empregou a expressão "desenvolvimento da libido" geralmente como sinônimo de evolução do instinto sexual, e isto por duas razões. Por um lado a libido foi considerada até 1914 como a energia do instinto sexual. Por outro lado, mesmo após a reformulação que reinterpretou a libido como a energia psíquica dos instintos de conservação tanto da espécie quanto do indivíduo, a evolução da função sexual foi singularizada pelo papel que assumem seus transtornos na gênese dos quadros psicopatológicos.

Como o conceito de instinto é um dos mais obscuros e mal compreendidos na teoria freudiana, tentaremos clarificá-lo buscando para tanto esclarecimentos nos trabalhos de Lotka. Apresentaremos a seguir uma breve síntese do desenvolvimento da libido (instinto sexual), distinguindo os dois tipos de regressão: quanto a organização libidinal e quanto a relação com os objetos.

##### 1. O MODELO FUNCIONALISTA E O CONCEITO DE INSTINTO

Lotka (48) faz uma analogia entre os organismos e os transformadores de energia, que para seu funcionamento supõem o recebimento de energia de fontes externas.

Há dois tipos de fontes

- as distribuídas uniformemente no meio
- as descontinuamente distribuídas.

Se um transformador tira sua reserva de energia de uma fonte do primeiro tipo, seu bom funcionamento independe de sua posição no meio. Entretanto, se o transformador tira sua reserva de energia de fontes descontinuamente

distribuídas, seu funcionamento dependerá de que haja uma correlação adequada entre seu movimento e a localização das fontes no meio.

Os organismos animais, como transformadores do segundo tipo, são dotados de um "aparelho de correlação" indispensável à conservação, já que possibilita a adaptação do comportamento às circunstâncias. O aparelho de correlação é dotado de Receptores, Elaboradores, Ajustadores e Efetores. Permite que o estado do meio ambiente seja representado no organismo, para que este possa ajustar seu comportamento às circunstâncias.

Os organismos têm que desenvolver certas atividades necessárias à conservação de sua estrutura que envolvem um gasto de energia que terá de ser empregada em manter estáveis certos parâmetros, ou nas palavras de Lotka, em cobrir o "custo de viver". O aparelho de correlação tem como função primária capturar energia no meio, para a substituição do que é gasto. As plantas por exemplo, que extraem energia de fontes uniformemente distribuídas, não têm órgãos sensoriais desenvolvidos.

Na competição pela vida, a habilidade com que a reposição de energia é conseguida no meio é o determinante do sucesso ou fracasso relativos, e portanto da tendência da evolução.

O aparelho psíquico é para Freud um instrumento da correlação entre o organismo e o meio cuja evolução obedeceu primariamente a função de garantir o encontro, no meio ambiente, dos objetos, ou fontes de energia na terminologia de Lotka, indispensáveis à conservação tanto da estrutura do organismo quanto da espécie. Embora também seja função do aparelho psíquico evitar o encontro de estímulos noci -

vos no meio ambiente, esta função é secundária, não se constituindo, para Freud como para Lotka, no verdadeiro motor da evolução do psiquismo (17).

Freud afirma repetidamente que a estimulação endógena advinda da necessidade coloca exigências muito maiores ao psiquismo que os estímulos externos. Estes podem ser eliminados pela fuga, enquanto os estímulos endógenos requerem do organismo atividades complexas que modifiquem o mundo externo no sentido de encontrar o objeto apropriado para a satisfação da necessidade (17, 35, 41). São portanto os estímulos endógenos os móveis da evolução do aparelho psíquico. No modelo freudiano estes ocasionam no aparelho psíquico um aumento de tensão, que este deve tentar reduzir segundo o princípio de constância, e que se expressa em forças que se tornam, segundo a aprendizagem filo e ontogenética, cada vez mais aptas a levar a satisfação da necessidade somática, à qual estão em última instância subordinadas. As forças procedentes da estimulação que o estado de necessidade somática impõe sobre o psiquismo são referidas na teoria freudiana pelo conceito de Instinto, que nos interessará mais detidamente na seção seguinte. Convém notar que usaremos o termo Instinto por ser a tradução de "Trieb" mais habitual na língua portuguesa, apesar da impropriedade que levou autores franceses a adotarem "Pulsion" e alguns de língua inglesa a preferirem "Drive" ao "Instinct" da "Standard Edition".

## 2. O INSTINTO

O conceito de Instinto é tratado de forma muito ambigua na obra freudiana, o que levou Strachey a observar que tanto pode significar os representantes psíquicos de forças orgânicas, quanto as próprias forças orgânicas, por oposição as idéias que as representam (51). Na verdade, a aparente contradição resulta de que o instinto como "conceito

limite entre o anímico e o somático" (12, 17) aponta para o psiquismo em suas articulações tanto com o somático quanto com o mundo externo.

O Instinto procede de estímulos que do interior do organismo incidem sobre o psiquismo, aí atuando como força constante. O fim do instinto é fazer cessar este estímulo pela satisfação da necessidade orgânica. Neste percurso, que vai desde a origem do estímulo endógeno (fonte) até a cessação dele pela satisfação da necessidade (fim), o instinto passa por uma fase em que é processado no aparelho psíquico (35).

A única ocasião em que Freud esclarece as ligações do psiquismo com o somático é no quadro da primeira teoria do aparelho psíquico, tendo desde então ficado estas implícitas. Por esta razão vamos nos referir aos sistemas neurônicos para esclarecer a concepção Freudiana de Instinto.

O aparelho psíquico é um sistema que troca energia. Tendo conexão com o somático, através de Psi-nuclear, com o meio externo através de Phi e, por outro lado, com a motilidade, tem "inputs" e "outputs" de energia (?). De acordo com o princípio de constância, o aparelho psíquico deve tentar reduzir o nível de tensão. A estimulação exógena pode ser interrompida pela fuga. É o estímulo endógeno, como vimos, que para sua supressão exige ações complexas no meio impondo uma progressiva diferenciação do aparelho psíquico, justificando a importância do conceito de instinto. Veremos a seguir as noções de fonte, impulso, objeto e fim do instinto.

A atuação somática do instinto é caracterizada pela noção de Fonte (Quell) do instinto, muito ambigua, e apresentada sucessivamente nos trabalhos de Freud como:

- o estímulo periférico das zonas erógenas, no caso do instinto sexual (10);
- um processo somático que se desenrola em parte do corpo e é representado psiquicamente (17);
- as zonas erógenas ou região do corpo onde se originou o estímulo (11);
- o órgão onde se satisfaz a necessidade no instinto auto-erótico (17);
- um estado de excitação no somático (35).

Parece haver referência a diferentes níveis na definição de Fonte:

- fatores internos ou externos desencadeantes dos processos somáticos responsáveis pela produção de excitação;
- os processos somáticos que dão origem a excitação somática;
- o estado de excitação somática que atua como estímulo para o psiquismo;
- o órgão envolvido na ação específica de satisfação da necessidade.

Aqui Freud condensa a noção de Fonte como região do corpo onde se originou o estímulo endógeno e o órgão efetor envolvido na ação que leva a satisfação da necessidade. Podemos imaginar que as duas funções não são sempre desempenhadas pelo mesmo órgão.

Descartando esta última acepção, podemos nos perguntar sobre a qual das outras três conferir maior interesse. Supondo-se que a excitação no somático é gerada de forma contínua, teria que haver uma acumulação, e só após certo nível de tensão somática, é que esta excitação funciona -

ria como um estímulo para o psiquismo (41).

Como o conceito de Instinto para Freud abrange necessariamente processos psíquicos, não teria grande interesse a excitação somática, ou os processos somáticos que a originam, enquanto não atuasse como estímulo para o psiquismo, levando conseqüentemente a ações visando a satisfação. O que não influi na vida ideativa não interessa à Psicanálise.

Portanto, parece-nos que a fonte do instinto estaria bem caracterizada como um estado de tensão de necessidade fisiológica, originário em qualquer parte do organismo, e que atua como um estímulo para o aparelho psíquico, ali desencadeando um aumento do nível de tensão (tensão libidinal).

O Impulso (Drang) do instinto refere-se a quantidade de exigência de trabalho que o estímulo endógeno impõe ao psiquismo. É a força que deriva da tensão libidinal.

O Objeto (Objekt) caracteriza as articulações do instinto com o mundo externo. É tanto um objeto existente no mundo externo quanto sua representação no aparelho psíquico por uma imagem mnêmica mais ou menos aproximada. Quando houver um aumento de tensão no aparelho psíquico, originário das fontes somáticas, resultarão forças psíquicas que tenderão a re-evocar ou re-perceber, conforme o aparelho psíquico esteja funcionando em processo primário ou secundário, as imagens dos objetos que foram privilegiados através de sua associação com experiências de satisfação anteriores.

O Fim (Ziel) do instinto é em parte determinado pela Fonte por implicar sempre a supressão da tensão de necessidade já que, pela conexão do aparelho psíquico com o

somático, esta é a forma de impedir que o estímulo endógeno continue incidindo sobre o psiquismo e nele gerando tensão. Entretanto o fim do instinto é também determinado pelas experiências de satisfação e inclui fins parciais, subordinados ao fim último, mas passíveis de muita variação. O fim último do instinto pode estar coartado e só os fins parciais serem satisfeitos.

Os instintos de conservação do indivíduo (instintos do ego) foram distintos na teoria psicanalítica dos instintos de conservação da espécie (instintos sexuais) com base na consideração de que imporiam de forma mais premente ao psiquismo a adaptação ao real, tolerando menor variação em seu fim e exigindo o objeto real, enquanto os sexuais, tendo maior plasticidade; poderiam trocar de fim, satisfazer-se com objetos imaginários, etc., sem que a sobrevivência do organismo fosse ameaçada. A libido era originalmente a forma de energia psíquica que servia exclusivamente aos instintos sexuais. Após 1914 (16) entretanto a energia das duas classes de instintos é a mesma (libido) e elas são diferenciadas apenas com base no tipo de investimento que tem lugar (libido narcisística X libido objetal).

Podemos agora nos deter no desenvolvimento dos instintos sexuais singularizados pela Psicanálise a partir de considerações derivadas da observação clínica que sugeriram sua importância na etiologia das psiconeuroses. O desenvolvimento dos instintos sexuais é mais frequentemente referido por Freud como "desenvolvimento da libido". Vimos que libido é inicialmente a designação dada à energia psíquica que serve à função sexual e, após 1914, às funções de conservação do indivíduo e da espécie. Aqui a libido é tomada não no aspecto econômico de uma grandeza quantitativa, mas sim no sentido dinâmico direcional, referindo-se ao conjunto de processos bio-energéticos que têm início no soma (tensão de

necessidade, na fonte) e terminam também no soma (satisfação da necessidade) - através da mediação do sistema nervoso (reflexos adequados) e do psiquismo (desejos, fantasias, pensamentos, etc.).

### 3. O DESENVOLVIMENTO DA LIBIDO

Na evolução da libido podem ocorrer dois tipos de regressão, quanto à relação com os objetos e quanto à organização libidinal. O desenvolvimento se dá em duas linhas genéticas relativamente independentes, o que permite haver em certos casos regressão em apenas um desses parâmetros evolutivos. Na histeria, por exemplo, haverá regressão da libido quanto ao objeto mas não quanto à organização libidinal (20).

Passaremos a uma apresentação do pensamento psicanalítico sobre a evolução da organização libidinal e depois abordaremos a evolução quanto às relações com os objetos.

#### A - A Organização da Libido

A sexualidade infantil foi, a princípio, caracterizada pela inexistência de uma organização. Os vários instintos parciais, desconectados entre si, procurariam independentemente o prazer e apenas na puberdade esses instintos parciais formariam uma organização sob a primazia dos órgãos genitais e da função de reprodução (10).

Os achados da psicanálise levaram mais tarde a postulação de estágios de desenvolvimento da libido infantil em que surgem rudimentos de organização dos instintos parciais - as organizações pré-genitais da libido (10,15). Estes estágios são designados pelas zonas erógenas cuja estimulação constitui a mais importante fonte da libido no período -



do, por sua conexão com a função vital de maior relevância nesta etapa da vida. Esta função vital exercerá um papel dominante na estruturação dos instintos parciais sob predomínio de alguns deles. A sexualidade infantil agora será definida pela independência dos instintos parciais apenas logo após o nascimento; desde o início surgem tentativas de organização.

Sintetizando, a função da libido atravessa as seguintes fases quanto à organização:

1) A fase anárquica corresponderia ao primeiro momento em que os vários instintos parciais, sem qualquer rudimento de integração, perseguiriam independentemente seus fins.

2) A fase oral corresponde a uma primeira organização dos instintos libidinais, apoiada na função da nutrição. Sua fonte principal é a estimulação da zona oral, o fim a incorporação e o objeto se aproxima do objeto da alimentação. K. Abraham diferenciou dentro da fase oral duas etapas, a de sucção, pré-ambivalente porque sem objeto, e a canibalística, ligada ao aparecimento dos dentes, ao fim de morder e incorporar, e ambivalente em relação ao objeto(1).

3) Na fase anal-sádica dois instintos têm primazia na organização da libido, o instinto erótico-anal, e o de dominação ou sádico, que tem suas fontes na estimulação da zona anal e na atividade muscular respectivamente. A dominação desses dois instintos introduz na vida sexual a polaridade entre atividade e passividade correspondendo a diversidade de seus fins, e também uma dualidade de objetos. Também na fase anal-sádica K. Abraham diferenciou duas etapas. Na de expulsão predominam as tendências a expulsar, ligada ao instinto erótico anal, e a de destruir, ligada ao instinto sádico, caracterizando-se uma relação de objeto hostil. A se

guir temos a fase anal de retenção em que predominam as tendências a reter e a controlar, correspondendo aos instintos erótico-anal e sádico respectivamente, que preservam o objeto (1).

4) A fase fálica se aproxima da sexualidade adulta na medida em que os instintos já estão organizados sob o primado dos genitais e dirigidos para um único objeto. Entretanto, só o órgão genital masculino é considerado, estabelecendo-se uma polaridade sexual entre o genital masculino e o genital castrado (26).

5) A partir desta evolução atinge-se a fase genital em que os vários instintos sexuais estão integrados resultando na função sexual adulta a serviço da reprodução.

Cada uma dessas fases envolve uma reestruturação dos instintos parciais sob uma dominância diferente, e a inclusão dos componentes anteriores. A possibilidade de organização dos instintos sexuais se deve à sua plasticidade que admite toda a sorte de combinações, tais como a substituição da satisfação de um instinto componente pela de outro, a troca de objetos, etc. A patologia, resultante de falhas nesse processo evolutivo ou de regressão, se explicitará sempre em uma dissociação da organização sexual (10).

#### B - As relações com os objetos

Desde os primeiros trabalhos sobre a sexualidade Freud distinguiu duas etapas na evolução da libido, a auto-erótica e a objetal (10). O auto-erotismo, referindo o período em que os vários instintos parciais procuram o prazer independentemente e prescindindo de um objeto para sua satisfação, é nesta época correlativo da sexualidade infantil. Só a puberdade introduziria a fase objetal da libido. Entretanto o auto-erotismo é dominante na sexualidade infantil,

mas não é exclusivo. Certos instintos parciais desde o início supõem um objeto, enquanto outros apoiaram-se de início num instinto de conservação que lhes emprestou um objeto, e só secundariamente tornaram-se independentes e auto-eróticos.

Posteriormente, a evolução quanto ao objeto libidinal é revista e apresentada em quatro fases (12). O auto-erotismo é conservado como a primeira delas, sendo sucedido pela fase narcisista, que se inicia quando os instintos parciais começam a organizar-se e na qual já há um objeto que é constituído pelo próprio eu. No homossexualismo o objeto eleito é externo, mas escolhido ainda por uma semelhança com o eu, e a última fase é a da escolha heterossexual de objeto. Entretanto esta apresentação das fases de evolução quanto ao objeto libidinal fica sujeita a ambiguidades de vez que os conceitos nela envolvidos não são tratados de forma unívoca no conjunto da obra freudiana.

1) O auto-erotismo aponta para uma característica básica do instinto sexual: a ação que satisfaz a tensão de necessidade sexual pode ter lugar no próprio corpo, prescindindo para isso de um objeto externo. A possibilidade de satisfação auto-erótica permite ao instinto sexual evitar a privação que levaria à busca de objeto no mundo externo, e portanto a um atraso em relação aos instintos de conservação na adaptação ao real. Assim, o auto-erotismo permite que no instinto sexual "a satisfação em objetos fantásticos seja mantida" (13).

Esta aceção de auto-erotismo diferencia-se claramente do auto-erotismo enquanto fase libidinal. A satisfação auto-erótica pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento da libido. A referência é apenas à ausência de um objeto externo na ação que conduz à satisfação da necessidade, e não à ausência de objetos do desejo psíquico. A defasagem

entre satisfação de desejo e satisfação de necessidade é, como vimos anteriormente, característica do processo primário, em cuja vigência o desejo é satisfeito pela simples evocação do objeto, não conduzindo a sua busca no mundo externo.

Como fase do desenvolvimento o auto-erotismo corresponde ao período em que os instintos parciais não começaram a se integrar em uma organização (10), e em que ainda não foi introduzida na vida anímica a polaridade entre o eu e o mundo externo (16). Por um lado, não poderia aqui haver investimento de objetos, já que não há objetos de desejo bem delimitados enquanto não surge a distinção entre o eu e mundo externo. Por outro, a nível das ações específicas que satisfazem a necessidade, há uma dominância das que têm lugar no próprio corpo sem o recurso a objetos externos.

2) O narcisismo como fase intermediária entre o auto-erotismo e a eleição de objeto, é constituído quando ao auto-erotismo se agrega a formação do ego, aqui no sentido de uma representação unificada do próprio corpo (12,16). A polaridade entre o eu e o mundo externo é correlativa do tomar-se a si mesmo como objeto.

Entretanto o narcisismo aparece posteriormente como um estado primário da distribuição da libido do qual o amor objetal se desenvolve. É o "estado de coisas original" e não mais uma fase intermediária, confundindo-se com o auto-erotismo que seria aqui a atividade sexual própria do estágio narcisista da libido (20). Nesse sentido o narcisismo não parece corresponder à tomada do ego como objeto, mas sim à ausência de objetos unificados de desejo.

3) A colocação da escolha homossexual de objeto como fase da libido respondeu ao interesse pela noção de narcisismo, na medida em que corresponderia a procura de um objeto com genitais semelhantes aos próprios (12).

Mais tarde este tema é abordado de forma mais coerente. Baseando-se na suposição de que há dois objetos primitivos, a mãe ou substituto e a própria imagem, Freud apresenta dois tipos-limite de eleição de objeto na vida adulta que indicariam o predomínio da imagem de um dos objetos de amor primitivos. A escolha anaclítica recairia sobre substitutos dos objetos privilegiados por seu papel nas experiências de satisfação das necessidades infantís, enquanto a narcísica incidiria em objetos escolhidos segundo a própria imagem (16, 20). O homossexualismo, tomando como critério a semelhança sexual entre o objeto e o eu, é um caso de escolha narcísica de objeto.

Uma vez que o predomínio de um ou outro componente na eleição objetal indicará a medida em que o narcisismo infantil foi superado, o homossexualismo adulto indicará uma falha na evolução do narcisismo ao amor objetal ou uma regressão a fase narcísica da libido, tornando-se desnecessário recorrer a uma fase homossexual da libido.

4) A eleição heterossexual de objeto, correspondendo ao estágio final da evolução, se completa com a convergência de todos os instintos sexuais para uma só pessoa, convergência esta que foi localizada inicialmente na puberdade (10) mas que, nos trabalhos freudianos mais recentes, passaram a caracterizar a vida sexual infantil (20, 26).

## V - A REGRESSÃO COMO INSTRUMENTO DE DEFESA

Freud focalizou inicialmente a regressão da libido que resulta de uma situação econômica desfavorável, a situação de frustração, e antecede o conflito psíquico. A frustração leva a libido a reativar objetos e formas de satisfação anteriores. Se os desejos regressivos forem conflitivos, desencadearão mecanismos defensivos dando origem a uma neurose. Caso contrário surgirá uma perversão (14, 15, 20).

A ênfase é deslocada mais tarde para o papel defensivo da regressão em relação ao conflito psíquico. Aqui a regressão da libido é um mecanismo de defesa específico e resulta do conflito. Na neurose obsessiva, por exemplo, a defesa contra os desejos edípicos consiste na regressão da libido à fase anal-sádica (33).

Não é como um mecanismo de defesa específico, entretanto, que estudaremos a regressão. Todo mecanismo defensivo que está na base de um quadro psicopatológico requer uma regressão formal do aparelho psíquico para sua execução. Freud referiu-se à regressão formal como condição tanto para a formação de sintomas quanto para a elaboração onírica (20), mas estudou mais sistematicamente apenas seu papel na elaboração onírica (9, 20).

Apresentaremos neste capítulo uma contribuição ao estudo da regressão formal do aparelho psíquico enquanto instrumento no recurso aos mecanismos defensivos que estão na origem das neuroses e psicoses de defesa.

### 1. O CONFLITO PSÍQUICO E A DEFESA

A defesa incide sobre representações ligadas a afetos penosos, nas primeiras discussões sobre os mecanismos defensivos. Entretanto "afeto" é um termo empregado de

forma muito ambigua, referindo-se, ora a uma quantidade de energia psíquica, ora a uma qualidade afetiva associada a certos complexos ideacionais (3). O "afeto penoso" responsável pela defesa não designa um acúmulo de energia psíquica, mas sim a possibilidade de certas representações de, quando a tivadas, ocasionarem desprazer (43). Voltando à primeira teoria do aparelho psíquico se esclarece melhor o que é a representação ligada a afeto penoso - trata-se da representação que resultou de uma experiência de dor e que possui a capacidade de estimular os neurônios secretores quando ativada, re produzindo o desprazer que teve lugar na vivência original, agora evocada (41).

A angústia passa a primeiro plano na terceira elaboração teórica freudiana como motor do processo defen sivo, tendo sido considerada anteriormente apenas como sintoma neurótico. Esta reformulação consiste em uma ampliação do papel explicativo da angústia. À forma anteriormente estudada, a angústia econômica que não seria psíquica, se acrescenta a nova concepção da angústia sinal (33, 35, 36).

O aumento excessivo de tensão no aparelho psí quico tendo origem em influências externas nocivas ou na tensão de necessidade por falta de objetos adequados, leva automaticamente a uma descarga visceral específica que constitui a angústia econômica. A descarga automática é percebida na qualidade de uma sensação desprazerosa específica, assim como são percebidos outros elementos da situação em que essa reação ocorreu. Deste modo surge um complexo mnêmico que, se reativado através de novas percepções ou do decurso associativo, reativará também a memória da reação angustiosa, provocando uma nova descarga que poderá servir ao Ego como sinal de perigo (33).

O sinal de angústia desencadeia a força que chamamos genericamente de defesa, tendente a desativá-lo, e

cuja função é evitar a situação traumática. Quando certo complexo ideacional representativo de uma situação perigosa (hostil) for ativado por vias perceptivas, desencadeará um sinal de angústia e conduta evitativa. A desativação deste complexo requererá o afastamento dos indícios de perigo real. A ativação do sinal de angústia terá origem quase sempre na percepção uma vez que a energia psíquica tende espontaneamente a buscar representações agradáveis, evitando as dolorosas, como consequência da força do desejo.

Entretanto a ativação do complexo de representações desencadeante da angústia pode se originar de fontes instintivas, caracterizando o conflito psíquico. Como vimos, o aumento de tensão no aparelho psíquico originário de fontes somáticas resulta em uma força - o desejo - que procura os objetos que foram associados a experiências de satisfação. Certas experiências podem indicar que um desejo conjura uma situação nociva. Nesse caso, quando grupos de representações ligados a satisfação instintiva forem evocados pelo desejo, haverá a reprodução do sentimento de angústia desencadeando a defesa. Nesses casos em que se associam as duas forças conflitivas, o desejo e a defesa, é que se empregam soluções mais complexas denominadas mecanismos de defesa.

O conflito psíquico caracterizado acima origina um mecanismo defensivo. Este pode dar ensejo ao surgimento de uma afecção psicopatológica ou resolver-se satisfatoriamente. Temos de diferenciar entre as duas possibilidades com base no nível de regressão envolvido na consecução destes mecanismos defensivos.

Freud refere-se a um mecanismo, o juízo de condenação, que é o sucessor genético da repressão, não envolvendo regressão. Nele o desejo conflitivo se mantém acessível à consciência, embora sua realização seja vedada em con-



sideração ao perigo externo que traria (18, 29). A atividade psíquica mais elevada é capaz de prover caminhos diversos de satisfação, sem perder o domínio consciente do complexo ideacional conflitivo.

Passaremos aos mecanismos defensivos que envolvem regressão do aparelho psíquico. Estes têm em comum o fato de que parte ou todo o grupo de representações conflitivo deixa de ser acessível à consciência, e portanto a correções pela confrontação com novas experiências.

## 2. REPRESSÃO

A repressão impede o acesso à consciência de representações que podem desencadear angústia, e isso se dá pela retirada da sua carga de energia psíquica.

A repressão, nos primeiros textos freudianos sobre psicopatologia, ocorre em todas as neuroses de defesa. Constitui-se na "defesa inicial" contra as representações conflitivas, destituindo-as de sua carga psíquica e conseguindo uma saúde aparente (7, 8, 42, 43). Só com o fracasso dessa defesa inicial pela reativação das representações a partir de fontes somáticas (43), dar-se-á uma segunda etapa de elaborações defensivas que será especificada diferentemente para cada neurose. Entretanto a repressão não é nos primeiros trabalhos psicanalíticos equivalente nem mesmo a defesa inicial. O repúdio é apresentado como uma forma alternativa que pode assumir a defesa inicial, característica da psicose (7).

Nos trabalhos metapsicológicos de 1915 Freud reafirma que a repressão incide sobre representações, envolvendo uma subtração de carga psíquica. O conceito das duas etapas defensivas, constituindo-se a primeira delas na repressão e a segunda na formação de substitutivos é mantido.

Entretanto foi abandonado o mecanismo alternativo de defesa inicial que estaria na origem da psicose (18, 19).

A partir desta fase, Freud apresenta duas hipóteses metapsicológicas da repressão e passa a utilizá-las alternativamente e sem integrá-las numa teoria unificada. Como sabemos, as representações reprimidas são, em oposição às representações pré-conscientes, inacessíveis à consciência. A diferenciação entre elas é explicada a partir da primeira hipótese em termos dinâmicos. Há um limiar a partir do qual a sobrecarga de energia psíquica de uma representação significa o acesso à consciência. As representações pré-conscientes são passíveis de um acréscimo de investimento a partir desse limiar, e portanto de acesso à consciência. As idéias reprimidas são aquelas as quais esse acréscimo é vedado pela retirada de energia psíquica antes que se atinja o limiar (7, 8, 18, 19).

A outra hipótese diferencia as representações pré-conscientes das reprimidas pela conexão daquelas com as representações verbais correspondentes. A conexão com os restos verbais caracteriza as representações pré-conscientes e é sobre esse enlace que vai incidir a repressão (19). De início as duas explicações são mutuamente exclusivas. Podemos supor que se falta o enlace verbal a uma representação reprimida, não importa o estado de ativação em que se encontre, ela ainda não poderá aspirar ao acesso à consciência. As considerações sobre os destinos da energia psíquica, que a partir das fontes endógenas busca reativar o reprimido desencadeando a segunda etapa defensiva, tornam-se desnecessárias. Entretanto Freud, apesar de dar preferência explícita a esta hipótese, dela não extrai as conclusões devidas, e continua a lançar mão da hipótese dos estados funcionais.

A discussão acima é retomada em 1938(36). 0

enlace com restos verbais não é mais uma condição suficiente para definir o estado pré-consciente. Partes do Ego que possuem esse enlace são fenomenologicamente inconscientes. A diferença entre o estado pré-consciente e o inconsciente será caracterizada também por condições dinâmicas.

Reaparece posteriormente a referência à primeira etapa defensiva da psicose enquanto contrastada com a repressão (27, 28). Enquanto aquela recairia sobre representações e percepções do mundo externo, esta recairia sobre representações das tendências instintivas. Quando surge um conflito entre o mundo externo e a tendência instintiva (que Freud simplificadamente designa por Id), o Ego toma partido de um ou outro dos lados em conflito.

Para encerrar esta revisão das posições freudianas sobre repressão é preciso assinalar que, em artigo de 1927 (34), repressão designa os destinos da energia psíquica e não os das idéias, ao contrário de afirmativas mantidas em todos os trabalhos anteriores e posteriores sobre o tema, em que a repressão é caracterizada pela inacessibilidade à consciência das representações.

Vimos que o conflito psíquico é caracterizado metapsicologicamente como um grupo de representações associadas entre si do qual alguns elementos tendem a ser ativados a partir de fontes somáticas pela força do desejo, por resultarem de vivências de satisfação, enquanto alguns elementos resultam de situações hostis pela falta de objetos satisfatórios ou presença de objetos nocivos, o que dota todo o complexo representativo da capacidade de desencadear angústia quando ativado.

A defesa vai se erigir contra o desencadear de angústia de duas formas possíveis. Na repressão a defesa

incide sobre os elementos de representação que, por constituírem resíduos de experiência de satisfação, tendem a ser ativados a partir das vias endógenas. Desta forma impede-se o complexo de ser ativado, e a angústia desencadeada a partir do processo instintivo, podendo entretanto sê-lo pelas vias perceptivas. O mecanismo defensivo da psicose recai ao contrário sobre a representação da realidade hostil.

A repressão incide sobre representações capazes de desencadear angústia, as quais impede o acesso à consciência pela retirada de sua energia psíquica. A retirada é feita pelo deslocamento da energia psíquica que ocupava estas representações para outra região (ideacional, somática, ou descarga visceral). Para conseguir este deslocamento é necessário o recurso ao processo primário que se caracteriza pela mobilidade do deslocamento. A repressão como defesa inicial que estaria na origem das neuroses só é possível a partir de uma regressão formal do aparelho psíquico ao processo primário.

### 3. A DEFESA INICIAL NA PSICOSE

A preocupação em definir um mecanismo defensivo que explicasse os fenômenos psicóticos na sua diversidade das manifestações neuróticas, esteve presente na obra de Freud dos primeiros aos últimos trabalhos. Não encontramos nestes textos uma teoria acabada deste processo defensivo mas apenas indicações que, embora apresentem-se sob termos diferentes (Verwerfung, Verleugnung), mantêm uma certa continuidade. Faremos uma rápida revisão das elaborações freudianas sobre a defesa inicial na psicose.

Já em 1894 Freud contrasta a repressão, que debilita a representação pela retirada de sua energia psíquica, com o mecanismo do repúdio (Verwerfung) no qual o ego exclui a representação dotada de sua carga de energia psíquica

ca, conduzindo-se como se não existisse (7, 42). Por outro lado, a representação repudiada tem laços com uma área da realidade da qual o ego terá também que se desligar.

Podemos concluir que o repúdio incide tanto sobre representações ativadas quanto sobre percepções de eventos, embora não haja esclarecimentos metapsicológicos sobre a forma porque isto se dá.

O repúdio é novamente abordado em 1918 (22). Estudando uma neurose infantil, Freud aponta o repúdio do fato da castração como uma exclusão radical, anterior mesmo à possibilidade de juízo sobre sua realidade. Este texto deu margem a muitas ambiguidades de vez que na experiência infantil não há geralmente um fato, mas sim uma "teoria" da castração, tornando-se imprecisa a definição daquilo sobre que incide o repúdio. Entretanto, no mesmo texto, as experiências que proporcionam conhecimento sobre a menstruação e a inexistência do pênis na mulher são referidas como provas que confirmariam a teoria da castração. Supomos que é sobre a representação e percepção destes fatos que se exerce o repúdio, por motivos ligados ao medo da castração.

De 1914 a 1930 o problema da "defesa inicial" originária da psicose é retomado e vários estudos são dedicados a ele (27, 28, 36, 37). Este processo defensivo é nesta fase chamado de recusa (Verleugnung), embora apresentando vários pontos de contato com o repúdio de 1894/5.

Referindo-se simplificarmente ao conflito psíquico como sendo entre tendências instintivas do Id e mundo externo, Freud aponta dois desenlaces possíveis segundo o Ego tome partido de um ou outro dos polos conflitivos - a recusa e a repressão. Enquanto a repressão atua sobre a tendência instintiva, a recusa se volta contra a área da realidade

que se opõe a ela, e isto implica em incidir tanto em percepções atuais quanto em representações mnêmicas deste setor do real.

O mecanismo da recusa de exigências da realidade contrárias a desejos seria comum na infância (26,31,36) embora sua utilização na vida adulta dê margem ao aparecimento de quadros patológicos, tais como o fetichismo e a psicose. Podemos concluir que o recurso ao mecanismo de recusa supõe uma regressão formal do aparelho psíquico.

Convém notar que em 1927 (34) surge uma única referência de que a recusa nomearia o destino das idéias enquanto a repressão o da energia psíquica, de forma a que os dois mecanismos passariam a ser apenas dois aspectos da mesma defesa inicial, diluindo-se o seu valor explicativo que consiste em dar conta da diversidade dos fenômenos clínicos na neurose e psicose.

Podemos agora tentar uma primeira sistematização da defesa inicial na psicose, que chamaremos de recusa. Encontramos como afirmativas coerentes mantidas sobre o tema que esta incide sobre representações e percepções que informam sobre uma exigência real conflitante com desejos(7, 27, 28). Esta exigência pode apontar para uma influência nociva que acompanharia a realização do desejo (37) ou para a ausência dos objetos que serviriam à realização do desejo(27).

Como vimos na seção anterior, o conflito se produz pela associação num mesmo complexo ideacional de representações derivadas de experiências de satisfação e representações resultantes de experiências com situações hostis. As primeiras atraem a energia psíquica originária de fontes somáticas segundo a força do desejo, energia que irá ativar todo o complexo mnêmico associado. As segundas deslancham an

gústia quando ativadas, desencadeando a defesa que visa conter o desenvolvimento da angústia. Esta, na repressão, retira a energia psíquica das representações do primeiro tipo, que são as que atraem a energia para o complexo. Desta forma se impede que todo o complexo ideacional e o sinal de angústia sejam ativados por vias endógenas.

A defesa inicial pode assumir outra forma. A recusa impede o acesso à consciência do setor de realidade hostil sem atingir as representações do desejo. Para impedir o desenvolvimento de angústia a recusa terá de se voltar tanto contra a representação mnêmica da realidade hostil, quanto contra a acolhida de novas percepções.

Como se dá esse processo em termos metapsicológicos? A única referência de que dispomos sobre a defesa inicial na psicose é que ela não implica, assim como a repressão, em retirar a energia psíquica das representações, mas se exerce sobre representações dotadas de sua carga psíquica (7, 42). A hipótese de que o acesso de uma representação mnêmica à consciência dependia de que a sua ativação no sistema da memória ultrapassasse certo limiar foi sempre mantida. No caso da defesa inicial da psicose, entretanto, a representação pode estar ativada e ainda assim não ter acesso à consciência. Temos de supor que o distúrbio estará em outra parte que não no sistema das inscrições mnêmicas.

Já sabemos que a faculdade de consciência foi adscrita por Freud ao sistema Percepção-Consciência, que pode apreender tanto ocorrências exteriores ao psiquismo, externas ou endógenas, quanto acontecimentos que têm lugar dentro do aparelho psíquico (36). Assim, os pensamentos conscientes e as lembranças conscientes dependeriam do funcionamento adequado do sistema Percepção-Consciência.

Se na recusa o processo energético não é impedido de ativar as representações e estas não se tornam conscientes, isto se deve a uma alteração no funcionamento do sistema Percepção-Consciência.

Atribuir a regressão inerente ao mecanismo da recusa ao sistema Percepção-Consciência tem como vantagem adicional a possibilidade que assim se abre de explicar de forma homogênea tanto o aspecto deste mecanismo que se volta contra as representações mnêmicas quanto o aspecto que se volta contra as percepções atuais referentes ao setor de realidade hostil.

O sistema Percepção-Consciência necessita para seu funcionamento de um investimento de energia psíquica vindo do interior, para que os estímulos perceptivos sejam acompanhados de consciência e transmitidos aos sistemas mnêmicos. Quando essa carga é retirada, cessa a possibilidade de consciência, ficando insensível o sistema Percepção-Consciência (30).

São os sistemas mnêmicos que enviam e retiram esta energia de atenção que investe o sistema Percepção-Consciência. Se os estímulos que incidem sobre o sistema Percepção-Consciência precisam de uma atividade especial deste sistema para se fazerem psiquicamente aproveitáveis (41), na recusa ele se desvia das qualidades sensoriais derivadas da ativação da representação e da percepção atual do recusado porque estas são acompanhadas de um sinal de angústia.

A evolução do sistema Percepção-Consciência leva-o a apreender todas as qualidades sensoriais, o que se dá pela constituição da função da atenção (13). A regressão do sistema Percepção-Consciência na recusa atua basicamente sobre a atenção.



#### 4. O FRACASSO DA DEFESA INICIAL

A partir da defesa primária, repressão ou recusa, certas representações ficam inacessíveis à consciência, mas não são destruídas. Permanecem duas atitudes opostas, uma delas pré-consciente e a outra inconsciente (36). O êxito da defesa primária pode ser posto em risco por um aumento de ativação das representações a partir de fontes da libido ou de estímulos perceptivos, ameaçando estas irromper à consciência. Haverá então uma nova elaboração defensiva.

#### 5. O RETORNO DO REPRIMIDO A FORMAÇÃO DE "COMPROMISSO"

A defesa contra a irrupção do reprimido à consciência consiste na formação de um grupo de representações substitutivas que, em relação associativa com o reprimido, possa satisfazer parcialmente tanto a defesa quanto ao desejo. Essa formação receberá a energia psíquica originalmente dirigida ao grupo reprimido, podendo descarregá-la parcialmente por satisfação de desejo. Entretanto, esse desejo terá de estar suficientemente distante do reprimido para que a angústia desencadeada por sua satisfação seja tolerável.

Esse segundo passo defensivo exige novo recurso a uma regressão formal do aparelho psíquico. A condensação, reunindo em um mesmo elemento de representação o investimento de energia psíquica de várias cadeias associativas, é o mecanismo que instaura a formação de compromisso e só é possível no regime de mobilidade de cargas característico do processo primário. Correlativamente a esta regressão do aparelho psíquico há sempre uma introversão da libido, que passará de objetos externos a objetos da fantasia. Sabemos que enquanto o processo secundário visa o encontro do objeto de desejo no mundo externo, o processo primário tende pelo caminho mais curto a evocá-lo. A satisfação substitutiva per

mitida pela formação de compromisso é alcançada pelos meios do processo primário.

A elaboração da formação de compromisso é que dará origem a enfermidade manifesta, especificando-se de forma diferente para cada neurose. Se essa formação incidir sobre a enervação sensível ou motora temos a conversão histérica, quando na área ideativa uma idéia obsessiva.

#### 6. O RETORNO DO RECUSADO

O setor da realidade que foi recusado tenta impor-se à consciência, gerando angústia, e isto pode se dar tanto por ativação de sua representação a partir das fontes, quanto por um aumento das demandas da realidade externa através de acontecimentos que indiquem a falta do objeto satisfatório ou a presença do objeto ameaçador tentando impor-se à percepção. Supomos que após certo nível de estímulo que as representações ou os acontecimentos externos exerçam sobre o sistema Percepção-Consciência, terá de haver também uma escalada no nível de regressão deste sistema.

No fetichismo o retorno do recusado dá origem à segunda etapa defensiva que consiste na criação do fetiche. Este resulta de uma formação de compromisso entre a defesa contra a angústia de castração e a aceitação do recusado, surgindo como substituto simbólico do pênis feminino do qual não se quer prescindir. Entretanto esta formação de compromisso não parece resultar do processo primário (deslocamento e condensação) como a que tem lugar após o retorno do reprimido, de vez que não substitui completamente o recusado permitindo seu desconhecimento total. No fetichismo, o recusado não é totalmente desconhecido, o fetichista "não tem coragem de afirmar que realmente viu um pênis" (36), uma vez que a excitação do sistema Percepção-Consciência atingiu certo nível, mas mantém-se na franja da consciência de vez

que a atenção do sistema Percepção-Consciência se volta para a nova formação, o fetiche, que o aceita e nega parcialmente.

Na psicose o retorno do recusado e a angústia levam a uma regressão mais profunda do sistema Percepção-Consciência. A aceitação do recusado se opõe como vimos a um importante desejo. Assim, quando a realidade recusada tenta se impor, o sistema Percepção-Consciência através de nova regressão que afeta a prova da realidade, alucina a satisfação do desejo. Entretanto, a alucinação conterà também parcialmente o recusado.

Este passo implica também uma regressão ao processo primário. Como o desejo não pode ser satisfeito no objeto real, visto que este não mais existe ou é perigoso, a passagem ao processo primário conduz a evocar a satisfação em vez de buscá-la. Uma vez que o desejo é apresentado como realizado no processo primário, a regressão da prova da realidade fará com que esta satisfação encontre crédito, como tendo sido real.

Outro desenlace possível quando o recusado se impõe à consciência, e não é possível recorrer a um compromisso, é o recurso a uma nova regressão do sistema Percepção-Consciência afetando a síntese psíquica. Surge então uma cisão: passam a coexistir duas atitudes, uma de recusa e outra de aceitação de certo setor da realidade, ambas acessíveis à consciência alternativamente.

Podemos supor que estes três níveis de regressão do sistema Percepção-Consciência são correlativos de uma regressão narcisista da libido, de vez que supõem um desinvestimento do mundo externo.

## C O N C L U S Õ E S

A partir do estudo de Freud sobre as afasias, em que esses distúrbios são adscritos à "retrogressão funcional" do "aparelho da fala" correspondendo a estados anteriores de seu desenvolvimento funcional, relacionamos a teoria psicanalítica do desenvolvimento às proposições de Jackson, que neste texto são explicitamente adotadas como "princípio-guia". Foi possível esclarecer e unificar muitas das hipóteses implícitas na obra freudiana sobre a evolução e a regressão do aparelho psíquico pelo exame das hipóteses evolucionistas utilizadas por Jackson no estudo do sistema nervoso:

- os centros nervosos são definidos por um critério funcional, e não por um critério morfológico;
- sua emergência evolutiva consiste na passagem dos centros mais simples, automáticos e organizados aos mais complexos, voluntários e em organização;
- na forma atual do S.N. estão preservados todos os níveis evolutivos já percorridos.

Examinando três diferentes momentos na construção da teoria do aparelho psíquico, distintos com base nas reformulações dos critérios utilizados na definição de sua topografia, concluímos que o critério evolucionista foi sempre adotado por Freud. O aparelho psíquico é apresentado a partir da emergência de seus sistemas, o mais recente e complexo superpondo-se ao mais antigo e simples e modificando seu funcionamento.

A regressão foi também entendida, a partir da concepção Jacksoniana de dissolução do S.N., como indicando a redução a um nível evolutivo anterior. Vimos que para Jackson:

- sob condições patológicas, as organizações mais recentes e complexas serão as primeiras a sofrer dissolução e as mais profundamente afetadas pela dissolução;
- a sintomatologia resultante à dissolução apresenta dois aspectos: a) o negativo, correspondendo à perda das funções da organização que sofreu dissolução e b) o positivo, correspondendo à atividade da organização inferior à que sofreu dissolução, liberada dos controles que lhe eram impostos por ela.

Partindo destas proposições analisamos os conceitos de regressão topográfica, formal e temporal.

Examinando a evolução da noção de regressão topográfica na obra de Freud concluimos que:

1) Ao contrário de afirmativas de Strachey, a regressão topográfica não foi introduzida por Breuer. Sob o termo retrogressão, Breuer apenas descreve o fenômeno alucinatório, enquanto Freud emprega o mesmo termo como construto teórico relevante na explicação da alucinação.

- 2) A regressão topográfica assume dois sentidos que Freud não distingue, com precisão:
- a) como conceito descritivo dos fenômenos em que há uma decomposição do pensamento em imagens mnêmicas e percepções;
  - b) como conceito teórico que explica estes fenômenos, pela direção da excitação no aparelho psíquico.

3) Desvinculando a regressão topográfica da regressão genética, sugerimos guardar o termo "regressão" para o movimento involutivo, mantendo o antigo "retrogressão" para referir a direção da excitação no aparelho psíquico.

4) Em consequência de três reformulações ocorridas na teoria freudiana, o conceito teórico de regressão topográfica perdeu seu valor explicativo:

- a) Se inicialmente é a retrogressão do processo energético no aparelho psíquico que leva a excitação a ativar sistemas mnêmicos mais antigos e primitivos, ocasionando a regressão do aparelho psíquico, esta concepção é preterida por outra. É a dissolução do sistema superior que libera modos de funcionamento mais primitivos.
- b) Na topografia do aparelho psíquico o polo perceptivo passa a estar localizado na superfície do sistema Ego, mais recente e complexo, tendo com ele relações mais estreitas do que com o Id, sistema mais antigo e simples. Só em relação a topografia do aparelho psíquico de 1900, em que os sistemas mais antigos e primitivos situam-se mais perto do polo perceptivo, o conceito de retrogressão tem sentido.
- c) Finalmente a alucinação, anteriormente atribuída a modificações do processo energético nos sistemas mnêmicos, passa a ser explicada por um distúrbio no "sistema Percepção-Consciência."

Examinando os conceitos de regressão tempo - ral e formal, relacionamos a regressão temporal à seqüência de experiências que compõe a história individual, e a regressão formal à organização e às leis que regem o funcionamento psíquico, definidas em uma hierarquia de níveis segundo diversos graus de complexidade.

Sobre a forma pela qual estes conceitos se articulam na teoria psicanalítica, vimos que:

a) a topografia do aparelho psíquico é em 1900 apresentada segundo critérios que incluem

- o evolucionista, segundo o qual os sistemas representam diferentes etapas na evolução do aparelho psíquico, tendo sua atividade regulada por leis de diferentes níveis de complexidade;

- a época de inscrição dos conteúdos.

Com a coincidência destes dois critérios, as regressões formal e temporal ocorrem necessariamente no mesmo movimento e o valor da distinção entre os dois conceitos está obscurecido.

b) A partir de 1915 a época de inscrição dos conteúdos como critério de distinção dos sistemas psíquicos é abandonada. Conteúdos recentes podem recair no sistema formalmente inferior, desde que reprimidos. As regressões formal e temporal não mais coincidem necessariamente.

Sobre a regressão do ego (aparelho psíquico) vimos que foram atribuídos à regressão ao processo primário

dois fenômenos que podem ocorrer separadamente:

- a evocação do desejo como realizado;
- a crença nesta realização de desejo como sendo realidade externa.

Apoiando-nos em indicações encontradas nos próprios textos freudianos, concluimos que 1) o primeiro fenômeno deve-se à passagem do processo secundário ao primário, por uma regressão incidindo nos sistemas de inscrições mnêmicas, e 2) o segundo à perda do "exame da realidade" devido à regressão do sistema Percepção-Consciência. Essas regressões compõem duas linhas genéticas independentes.

Há um outro grupo de fenômenos regressivos a que Freud dedicou atenção a partir de 1938: os casos em que coexistem duas atitudes contraditórias e acessíveis alternativamente à consciência. Atribuimos esses fenômenos à regressão do sistema Percepção-Consciência, delimitando uma terceira linha genética independente na evolução do psiquismo, responsável pela função sintética do ego.

A regressão da libido foi abordada a partir do esclarecimento do conceito de instinto que, como vimos, refere processos bio-energéticos tendo início no soma, a partir da tensão de necessidade e, com a mediação do psiquismo, terminando no soma. Através do conceito de instinto Freud, dentro de um modelo funcionalista, subordina a evolução das forças psíquicas às necessidades somáticas, das quais estas forças se tornam cada vez mais aptas a prover a satisfação.

Foi apresentada a seguir uma síntese do pensamento freudiano sobre as duas linhas evolutivas ao longo das quais pode operar a regressão da libido.



Finalmente, estudamos o papel da regressão formal do aparelho psíquico como condição para a formação dos mecanismos defensivos que dão origem a certos quadros psicopatológicos: as neuroses e psicoses de defesa. As principais conclusões a que chegamos são as que se seguem:

- a) o juízo de condenação, como mecanismo de defesa "normal", distingue-se dos outros mecanismos por não implicar em um recurso à regressão;
- b) a repressão, como o tipo de "defesa inicial" que se situa na base das neuroses, supõe como pré-condição para efetuar-se u ma regressão nos sistemas de inscrições mnêmicas, reduzindo seu funcionamento do processo secundário ao primário;
- c) a recusa, o tipo de defesa inicial originário da psicose e do fetichismo, é possibilitada por uma regressão do sistema Percepção-Consciência afetando a função da atenção;
- d) a elaboração defensiva subsequente ao fracaso da repressão, responsável pelos sintomas neuróticos, cria uma "formação de compromisso" que é possibilitada pela regressão ao processo primário (condensa - ção);
- e) a elaboração defensiva deflagrada pelo retorno do recusado pode assumir três for - mas, que correspondem aos diferentes ní - veis de regressão a que recorre:
  - 1) No fetichismo surge uma formação de

compromisso, diferenciada da que ocorre na neurose, por envolver uma regressão no sistema Percepção-Consciência afetando a atenção.

Nas psicoses a regressão do sistema Percepção-Consciência pode envolver:

- 2) a perda do "exame da realidade", que possibilita a satisfação alucinatória do desejo com o qual o recusado está em conflito;
- 3) a perda da "síntese psíquica", que permite a coexistência de duas atitudes - a de recusa e a de aceitação do recusado - acessíveis à consciência alternadamente.

B I B L I O G R A F I A

- 1 - ABRAHAM, K. "A Short Study of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders" (1924) in B. D.Lewin (ed.) On Character and Libido Development, New York, Norton, 1966.
- 2 - BARROS, C.P. "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology" in S.Arieti (ed.) The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy, New York, Basic, 1971, Vol. I.
- 3 - BARROS, C.P. "Contribuição à Controvérsia sobre o "Ponto de Vista Econômico"" em Problemas Metodológicos da Psicanálise (Conscientia, nº 2), Petrópolis, Vozes, 1975.
- 4 - BREUER, J. AND FREUD, S. "On the Psychological Mechanism of Hysterical Phenomena: Preliminary Communication" (1893) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. II.
- 5 - BREUER, J. AND FREUD, S. "Studies on Hysteria" (1895) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. II.
- 6 - FREUD, S. On Aphasia (1891), New York, International Universities Press, 1953.

- 7 - FREUD, S. "The Neuro-Psychoses of Defence" (1894) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. III.
- 8 - FREUD, S. "Further Remarks on the Neuro - Psychoses of Defence" (1896) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. III.
- 9 - FREUD, S. "The Interpretation of Dreams" (1900), in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vols. IV, V.
- 10 - FREUD, S. "Three Essays on the Theory of Sexuality" (1905) in J. Strachey (ed.) Standard Ed. London, Hogarth, 1971, Vol. VII.
- 11 - FREUD, S. "Five Lectures on Psycho-Analysis" (1910) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XI.
- 12 - FREUD, S. "Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a case of Paranoia (Dementia Paranoides)" (1911) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XII.
- 13 - FREUD, S. "Formulations on the Two Principles of Mental Functioning" (1911) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XII.
- 14 - FREUD, S. "Types of Onset of Neurosis" (1912) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XII.

- 15 - FREUD, S. "The Predisposition to Obsessional Neurosis" (1913) in J.Strachey(ed.) Standard Ed., London, Hogarth,1971, Vol. XII.
- 16 - FREUD, S. "On Narcissism: An Introduction" (1914) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London,Hogarth, 1971,Vol.XIV.
- 17 - FREUD, S. "Instincts and their Vicissitudes" (1915) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London,Hogarth, 1971,Vol.XIV.
- 18 - FREUD, S. "Repression" (1915) in J.Strachey (ed.) Standard Ed.,London, Hogarth, 1971, Vol. XIV.
- 19 - FREUD, S. "The Unconscious" (1915) in J. Strachey (ed.) Standard Ed.,London, Hogarth, 1971, Vol. XIV.
- 20 - FREUD, S. "Introductory Lectures on Psycho-Analysis" (1916-17), in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London,Hogarth, 1971,Vols. XV-XVI.
- 21 - FREUD, S. "A Metapsychological Supplement to the Theory of Dreams" (1917 (1915) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol.XIV.
- 22 - FREUD, S. "From the History of an Infantile Neurosis" (1918 (1914) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London,Hogarth, 1971, Vol. XVII.

- 23 - FREUD, S. "Beyond the Pleasure Principle" (1920), in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XVIII.
- 24 - FREUD, S. "Group Psychology and the Analysis of the Ego" (1921) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XVIII.
- 25 - FREUD, S. "The Ego and the Id" (1923) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.
- 26 - FREUD, S. "The Infantile Genital Organization" (1923) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.
- 27 - FREUD, S. "Neurosis and Psychosis" (1924(1923) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.
- 28 - FREUD, S. "The Loss of Reality in Neurosis and Psychosis" (1924) in J.Strachey(ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.
- 29 - FREUD, S. "Negation" (1925) in J.Strachey(ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.
- 30 - FREUD, S. "A Note upon the "Mystic Writing Pad"" (1925), in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.

- 31 - FREUD, S. "Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction Between the Sexes" (1925) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIX.
- 32 - FREUD, S. "Psycho-Analysis" (1926) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XX.
- 33 - FREUD, S. "Inhibitions Symptoms and Anxiety" (1926) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XX.
- 34 - FREUD, S. "Fetishism" (1927) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XXI.
- 35 - FREUD, S. "New Introductory Lectures on Psycho-Analysis" (1933), in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XXII.
- 36 - FREUD, S. "An Outline of Psycho-Analysis" (1940 (1938) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XXIII.
- 37 - FREUD, S. "Splitting of the Ego in the Process of Defence" (1940 (1938) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XXIII.
- 38 - FREUD, S. "Memorandum III" (1941) in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. I.

- 39 - FREUD, S. "Findings, Ideas, Problems" (1941 (1938), in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XXIII.
- 40 - FREUD, S. "Letter 11" (1950 (1892), in M. Bonaparte; A. Freud; E. Kris (eds.) The Origins of Psychoanalysis, New York, Basic, 1954.
- 41 - FREUD, S. "A Project for a Scientific Psychology" (1950 (1895), in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. I.
- 42 - FREUD, S. "Draft H: Paranoia" (1950 (1895) in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. I.
- 43 - FREUD, S. "Draft K: The Neuroses of Defence" (1950 (1896), in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. I.
- 44 - FREUD, S. "Letter 52" (1950 (1896), in J. Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. I.
- 45 - JACKSON, J.H. "Croonian Lectures" (1884) in J. Taylor (ed.) Selected Writings of John Hughlings Jackson, London, Staples, 1958, Vol. II.
- 46 - LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulaire de la Psychanalyse, P.U.F., Paris 1967.



- 47 - LEWIN, K. "Regression, Retrogression and Development" (1941) in D.Cartwright (ed.) Field Theory in Social Science, New York, Harper & Row, 1951.
- 48 - LOTKA, A.J. Elements of Mathematical Biology, New York, Dover, 1956.
- 49 - STRACHEY, J. "Freud's Use of the Concept of Regression" in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth,1971, Vol. I.
- 50 - STRACHEY, J. "Editor's Note to "A Metapsychological Supplement to the Theory of Dreams"" in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIV.
- 51 - STRACHEY, J. "Editor's Note to "Instincts and their Vicissitudes"" in J.Strachey (ed.) Standard Ed., London, Hogarth, 1971, Vol. XIV.

TESE APRESENTADA AOS SRS.

*Carlos Paes de Barros*

PROF. CARLOS PAES DE BARROS

*Samuel Faro*

PROF. SAMUEL FARO

*Vera Lengruber Garcia*  
por PROF. VERA LENGRUBER GARCIA

*Marta Carolina Almeida*  
COORDENADOR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
E PESQUISA DO CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS  
HUMANAS

